

COMUNIDADES TRANSFORMADAS

Semana Jovem 2025



MRNT



Igreja Adventista
do Sétimo Dia®

Departamento do Ministério Jovem, Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia®. Todos os direitos reservados. Copyright © 2025, do Departamento do Ministério Jovem Adventista do Sétimo Dia da Associação Geral. Está disponível para download gratuito em nosso site, youth.adventist.org.

Escrituras retiradas da Nova Almeida Atualizada®. Copyright © 2017 Sociedade Bíblica do Brasil. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

Direção: Carlos Campitelli

Escritores: Kleyton Feitosa, Khamsay Phetchareun, Cliff Shameerudeen, Jonathan Contero, Reinaldo Siqueira, Petras Nahadur, Brendan Pratt, Bledi Leno

Editor: Maria Manderson

Coordenadora do projeto: Mwenya Mpundu

Tradução e revisão: Departamento de Tradução da DSA

Projeto Gráfico e capa: De Lima Design

Revisão: Edlyn Pastana

Sobre os escritores:

Kleyton Feitosa - *In memoriam*

Kleyton, natural do Brasil, era um apaixonado pelo ministério transcultural e serviu no Brasil, nos EUA, no Egito e no Sudão. Falava fluentemente português, inglês, espanhol e um pouco de árabe, e gostava de ministrar a comunidades diversas. Sua experiência incluiu funções como professor, capelão, pastor de jovens, pastor associado, pastor sênior, secretário executivo de Associação e presidente de Missão. Kleyton era bacharel em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, mestre em Missões e doutor em Evangelismo e Crescimento da Igreja pela Andrews University. Ele atuou como diretor dos Centros de Missão Global na Associação Geral.

Khamsay Phetchareun

Dr. Khamsay Phetchareun é ministro ordenado, administrador e angariador de fundos, servindo atualmente como diretor de Missão Global do Centro de Relações Adventista-Budistas (CABR) na Associação Geral. Sua experiência pastoral inclui funções na Austrália de 1987 a 1998, e ele atuou como diretor associado da ADRA Mianmar (1998-2000). O Dr. Phetchareun também lecionou Religião na Universidade Internacional Ásia-Pacífico (2001–2007, 2011–presente) e atuou como conselheiro para a Região Anexada do Laos até 2021. Nomeado diretor de Missão Global em setembro de 2022, ele é formado pelo Avondale College e pela Andrews University, incluindo um doutorado em Ministério (2005).

Cliff Shameerudeen

O Dr. Cliff Shameerudeen é atualmente o diretor do Centro para as Religiões do Sul da Ásia da Associação Geral. Ele é um plantador de igrejas, que passa seu tempo capacitando, treinando e apoiando plantadores de igrejas em todo o mundo.

Jonathan Contero

Olá, sou Jonathan! Sou um seguidor apaixonado de Jesus, marido e pai orgulhoso de dois filhos incríveis. Estive envolvido na plantação de igrejas em Madri, trabalhando em um projeto destinado a me conectar com o público secular, e agora estou servindo como missionário em Genebra, na Suíça, explorando maneiras de reconectar uma sociedade pós-cristã com Deus.

Também sou apaixonado por futebol, música, leitura, passar tempo com as pessoas e descobrir novas culturas e culinárias!

Reinaldo Siqueira

Reinaldo Siqueira atua como reitor da Faculdade de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo desde 2016, onde lecionou línguas do Antigo Testamento, Teologia e Exegese. Anteriormente, foi reitor do Seminário Teológico Latino-Americano e diretor de relações Judaico-Adventistas da União Central Brasileira. Siqueira é doutor em estudos do Antigo Testamento pela Andrews University, além de mestre e bacharel em Teologia pela Universidade Adventista da França. Ele é fluente em português, espanhol, inglês e francês, com conhecimento avançado de hebraico. Ele também foi nomeado o principal contato da Igreja Adventista do Sétimo Dia com a comunidade judaica.

Petras Bahadur

O Dr. Petras Bahadur atua como diretor do Centro Global para Relações Adventistas-Muçulmanas na sede da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. Ele serviu por 21 anos como tesoureiro, conferencista e chefe do departamento de Negócios, e depois serviu por 21 anos como missionário na área do ministério muçulmano. Ele treina profissionais na construção de pontes de compreensão por meio dos sete livros de sua autoria sobre a compreensão das visões de mundo de pessoas de origem muçulmana.

Brendan Pratt

Dr. Brendan Pratt é o diretor do Centro de Missão Pós-Cristã Secular. Ele mora em Melbourne, Austrália. Brendan é casado com Amanda, uma autora, e é pai de Brad, Ben e James – com um bando de cobras, lagartos, tartarugas e sapos. Sua pesquisa de doutorado explora como o consumismo impacta a fé. Brendan é apaixonado pelo que significa para a igreja ser uma bela imagem de Deus.

Bledi Leno

Bledi Leno é o diretor do Centro de Missão Urbana da Associação Geral, apaixonado por conectar pessoas com Deus em ambientes urbanos. Seu ministério o levou da Albânia à Inglaterra, ao Brasil, aos EUA e ao redor do mundo, ampliando sua perspectiva internacional. Com sede na cidade de Nova York, Bledi se concentrou no ministério urbano, estabelecendo centros de influência e liderando iniciativas de plantação e revitalização de igrejas. Ele é comprometido com a ação missionária e com o evangelismo criativos. Bledi é casado com Gabriela, e eles têm dois filhos, Matthias e Arthur.

Leia isto primeiro

*Como usar este livro
com um grupo pequeno
ou grande*

Planejamento para a Semana de Oração

- 1. Comece seu planejamento agora:** Comece seu planejamento, desenvolva sua meta, reúna sua equipe e certifique-se de que seu pastor faça parte dessa equipe.
- 2. Comprometa seus guerreiros de oração:** Reúna uma equipe de adultos que se comprometa a orar por você e por seu ministério regularmente. Certifique-se de que este seja um grupo com quem você possa compartilhar confidencialmente suas necessidades pessoais e ministeriais de oração.
- 3. Escolha uma música tema:** Envolve seu coral jovem/equipe de louvor jovem. Escolha músicas que todos gostem e que se encaixem no tema de cada noite ou escolha uma música para a semana inteira.
- 4. Forme uma Semana de Desenvolvimento de Oração:** Inclua em sua equipe apenas jovens adultos interessados e comprometidos e líderes do ministério de jovens como Desbravadores, Escola Sabatina, etc., seu(s) pastor(es); isso é importante porque dá propriedade a todo o grupo, e não apenas a você e seu assistente. Peça ao grupo que se comprometa a se reunir por pelo menos três semanas — pelo menos uma semana para quatro lições e uma semana extra para encerrar o assunto. Certifique-se de identificar o objetivo e a direção que você quer seguir, de preferência na primeira reunião, e escolha um jovem para falar a cada dia.
- 5. Dia de jejum:** Escolha um dia durante a semana para se dedicar ao jejum. Como equipe, identifique as áreas nas quais você estará pedindo a Deus por um avanço.

- 1. espaço do diário.** Este livro foi elaborado para ser preenchido com seus pensamentos. Use o espaço fornecido para registrar suas reações a algo que você possa ouvir no sermão e nas perguntas finais de cada dia ou para escrever um pedido de oração ou louvor a Deus. Incentive os participantes a usá-lo da maneira que quiserem. É o diário deles!
- 2. Comece um Diário de Oração.** Nada é melhor para o seu crescimento espiritual pessoal do que o tempo gasto em oração. Seu grupo de jovens crescerá à medida que você crescer. Manter um diário de oração ajudará você a encontrar Deus de maneiras novas e emocionantes. Você será capaz de “monitorar” sua caminhada com Deus ao voltar, revisar as orações respondidas e ver como Ele o guiou passo a passo a cada dia. Ideias novas e frescas virão à mente à medida que você passar algum tempo em Sua presença registrando suas orações.
- 3. Perguntas diárias.** Incluídas em cada sermão estão perguntas destinadas a fazer você pensar. Forme pequenos grupos e discuta essas perguntas. Reserve um momento para realmente pensar sobre o ponto que a pergunta está tentando transmitir. Ouça o Espírito Santo enquanto Ele lhe ensina através das Escrituras. Incentive os participantes a registrar seus pensamentos em seus diários.

Bem-vindo

Busi Khumalo
Criado para trazer mudanças!

Quando um mosquito faz o que faz de melhor, irritando e sugando nosso sangue, esquecemos que ele é uma criaturinha minúscula. Seu impacto sobre nós não é medido pelo tamanho, mas pelo que ele pode fazer. Apenas um mosquito pode mantê-lo acordado à noite.

O tema da semana de oração de 2025 é ACT (sigla de 'A Community Transformed', que, em inglês, quer dizer AGIR): "Uma Comunidade Transformada." O foco está em alcançar os territórios desafiadores deste mundo, a Janela 10/40, com a Palavra de Deus. Estima-se que, dos oito bilhões de pessoas neste mundo, o cristianismo tenha mais de três bilhões de seguidores. O resto do mundo adere a outras religiões.

As denominações cristãs devem responder positivamente ao mandato bíblico: "Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos" (Mateus 28:19, 20, NVI).

Os adventistas do sétimo dia têm o dever urgente e solene de compartilhar as três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12 com o mundo. Todos os grupos de pessoas deveriam ouvir essa mensagem e fazer sua escolha. É isso que você é chamado a ponderar e responder durante esta semana de oração.

Deus criou e escolheu você para trazer mudanças em sua comunidade. Em espírito de oração, identifique as comunidades que não ouviram a mensagem do evangelho do fim dos tempos. Quando aderimos fielmente ao chamado para compartilhar a Palavra de Deus com os outros, "comunidades serão transformadas". O livro de ATOS deve ser revivido em nosso tempo.

Você é muito maior e mais inteligente do que um mosquito porque foi criado à imagem de Deus.

Portanto, vá lá e seja um influenciador de Jesus!

Editorial

Maria Manderson
Preenchendo a lacuna

Jesus nunca forçou ninguém a se tornar cristão. Ele simplesmente fez um poderoso convite de duas palavras: "Siga-me". E uma pergunta de duas palavras: "Você vai?" É muito importante lembrar disso porque, se alguns de nossos amigos e associados não cristãos, familiares e associados devem ser salvos, devemos perceber que, se eles recusarem seu convite para ir à igreja, isso não será o "fim do mundo". Há muitas outras maneiras de convidar alguém para experimentar Jesus além de ir à igreja. E uma das oportunidades mais poderosas é quando os convidamos a descobrir o coração de Deus para os pobres, oprimidos e desfavorecidos, sim, convide-os a participar de nossos projetos do Dia Mundial do Jovem Adventista. Convide-os a serem seguidores de Jesus com você.

As leituras da Semana de Oração deste ano visam ajudar a descrever seis pontos de vista espirituais muito diferentes e, em seguida, perguntar qual retrato descreve melhor seus amigos, colegas de trabalho, familiares ou vizinhos que não conhecem Jesus?

Do místico budista tibetano que vive no leste ao consumidor secular no oeste — e todos os que estão entre eles, vemos que as pessoas são complexas demais para serem colocadas em caixas. Ao longo dessas leituras, há o lembrete de que somos chamados a construir e manter relacionamentos fortes, construídos com base na confiança e no respeito mútuo. Também são fornecidas pequenas pepitas de ouro para nos orientar a entender um pouco sobre as semelhanças entre nós, pois elas oferecem oportunidades e chances — que, com a abordagem certa — podem ser cultivadas em encontros e experiências com Jesus que os ajudarão a preencher a lacuna entre sua situação atual e um relacionamento vibrante com Ele.

Sim, Deus ama e salva budistas, hindus, secularistas pós-cristãos, consumistas, judeus e muçulmanos da mesma forma que ama e salva todos os outros — através do milagre de um novo nascimento. Não somos nós e nossos grandes argumentos — nunca conseguiremos ganhar alguém para Cristo por meio de argumentos, não podemos argumentar para que alguém seja salvo. Não fomos chamados para converter pessoas, mas para plantar a semente do evangelho. Somente Deus pode salvar! Mas mesmo assim, ainda somos

chamados a construir e manter relacionamentos fortes, construídos com base na confiança e no respeito mútuo.

Então, mais uma vez, estamos encorajando você a orar, conosco, para que Deus abra seus olhos e corações para a verdade do evangelho, e que nossas famílias, amigos, colegas de trabalho e vizinhos tenham a coragem de abraçar a Cristo como Senhor e Salvador.

S · U · M · Á · R · I · O

12

Sermão 1

Não apenas qualquer local ou uma decisão aleatória?

18

Sermão 2

A missão inacabada: Alcançando os budistas com o Evangelho

28

Sermão 3

Cruzando barreiras culturais

38

Sermão 4

Sua cidade, sua missão

44

Sermão 5

Ame seu próximo judeu como a si mesmo

50

Sermão 6

O plano de Deus para Ismael antes do fim dos tempos!

58

Sermão 7

Uma comunidade transformada

64

Sermão 8

Um conto de cidades

Não apenas qualquer local ou uma decisão aleatória?

Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido.

Lucas 19:10

Além de nossas fronteiras: O chamado global da missão cristã

Hoje, convido você a embarcar em uma jornada, não apenas pelas Escrituras, mas pelos nossos corações e através das fronteiras de nossas próprias limitações e medos. Aqui estamos, nos campos reconfortantes da Galileia, onde Jesus começou Seu ministério — um lugar não muito diferente dos nossos próprios territórios espirituais familiares. No entanto, o cerne da nossa mensagem hoje nos chama a nos aventurar muito além, em campos que são menos confortáveis, mas preparados com potencial para a colheita.

Jesus é INTENCIONAL:

No evangelho segundo Marcos 4:35, encontramos uma diretriz comovente de Cristo. Ele diz a Seus discípulos: “[...] *Vamos passar para a outra margem.*” Ou seja, o outro lado do lago.

Jesus está tomando uma atitude muito ousada ao levar Seus discípulos para o “outro lado” do Mar da Galileia, em território pagão. Em uma área onde eles se entregavam e participavam de todos os tipos de pecados. Mas Jesus sabia exatamente para onde Ele estava indo. Esta não foi apenas uma decisão aleatória.

Esta não é apenas uma travessia física da Galileia para Decápolis através do Mar da Galileia; é uma convocação espiritual para atravessar áreas da vida e do

espírito que ainda não foram exploradas por nós. A Decápolis, uma rede de dez cidades, era notória não apenas por sua lealdade a Roma, mas por suas práticas pagãs profundamente arraigadas — uma terra diametralmente oposta à paisagem moral e espiritual judaica. Aqui, do outro lado, erguiam-se templos que celebravam a riqueza, a violência e as divindades hedonistas, apresentando um profundo desafio às mensagens de humildade, paz e autocontrole pregadas por Jesus. A tradição rabínica nos dias de Jesus dizia que Decápolis era onde as sete nações de Canaã se estabeleceram. Eles apresentavam cultos que promoviam sexualidade, violência e riqueza. Era tudo o que Israel não era.

Decápolis também era um centro do poder romano, 6.000 soldados estavam posicionados do “outro lado”. O símbolo da legião era a cabeça de um porco — Decápolis era um lugar onde os porcos eram adorados. Os judeus consideravam o “outro lado” como o lugar onde Satanás vivia — era escuro, era mau e era demoníaco. Era o lugar onde Deus não está. Ninguém nunca vai para o “outro lado”, especialmente um rabino. Ir para o “outro lado” estava muito fora da zona de conforto deles. Mas eles concordaram em ir.

E Jesus sabia exatamente para onde estava indo!

Aventurando-se no desconhecido:

Ao zarparem, os discípulos não estavam apenas navegando nas águas — eles estavam cruzando os mares turbulentos de seus medos e preconceitos mais profundos. Venha comigo por um momento, imagine este lugar pecaminoso, sem restrições alimentares e com todas as suas práticas pagãs. Eu não culparia os discípulos nem um pouco se eles tivessem virado o barco e voltado para casa. Quando chegaram às margens de Decápolis, eles não foram recebidos pelas multidões habituais, mas sim pela desolação e por dois homens possuídos por demônios, marcando um forte contraste com as multidões que geralmente se reuniam em torno de Jesus. A ausência tangível de uma festa de boas-vindas destacou a desolação espiritual da região, mas isso não é nenhuma surpresa, porque esse é “o outro lado”.

Milagre e rejeição:

Quando eles chegam, a imagem é perturbadora:

Marcos 5:2-5 *“Ao desembarcar, logo um homem possuído de espírito imundo veio dos túmulos ao encontro de Jesus. Esse homem vivia nos túmulos, e ninguém podia prendê-lo, nem mesmo com correntes. Porque, tendo sido muitas vezes preso*

com correntes e cadeias, as cadeias foram quebradas por ele, e as correntes foram despedaçadas. E ninguém conseguia dominá-lo. Andava sempre, de noite e de dia, gritando por entre os túmulos e pelos montes, ferindo-se com pedras.”

Esta é uma cena e tanto, mas na presença de Jesus nada permanece o mesmo.

Marcos 5:6-14

- “Quando, de longe, viu Jesus, correu e prostrou-se diante dele, gritando em alta voz: — O que você quer comigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Por Deus, peça-lhe que não me atormentel!
- Ele disse isto, porque Jesus tinha dito a ele: ‘Espírito imundo, saia desse homem!’ Então Jesus lhe perguntou: — Qual é o seu nome?
- Ele respondeu: — Legião é o meu nome, porque somos muitos. E pediu-lhe com insistência que não os mandasse para fora do país.
- Ora, uma grande manada de porcos estava pastando ali pelo monte. E os espíritos imundos pediram a Jesus: — Mande-nos para os porcos, para que entremos neles. E Jesus o permitiu. Então, saindo os espíritos imundos, entraram nos porcos. E a manada, que era cerca de dois mil, precipitou-se despeinhado abaixo, para dentro do mar, onde se afogaram.
- Os que tratavam dos porcos fugiram e foram anunciá-lo na cidade e pelos campos. Então o povo saiu para ver o que tinha acontecido.”

Medo e rejeição

O milagre foi incrível. O homem foi imediatamente libertado! Os espíritos malignos se foram e o homem recuperou sua mente sã. É interessante notar, no entanto, que muito diferente das curas na Galileia, ao curar o endemoniado desta vez, em vez de celebração, houve medo e rejeição.

Marcos 5:15-17

“Aproximando-se de Jesus, viram o endemoniado, o que antes estava dominado pela legião, assentado, vestido, em perfeito juízo; e temeram. Os que haviam presenciado os fatos contaram-lhes o que tinha acontecido ao endemoniado e também falaram a respeito dos porcos. E começaram a pedir com insistência que Jesus se retirasse da terra deles.”

O povo de Decápolis não estava feliz. Eles não celebraram essa cura sobrenatural. Cegados por suas visões de mundo e medos arraigados, eles não podiam apreciar a obra milagrosa de Jesus. Em vez de alegria, eles reagiram com medo. Eles não exclamaram: “Uau! Este é um homem com poder; isso é ótimo”. Eles não pensaram: “Eu tenho uma mãe doente, uma criança atormentada, um amigo problemático — este homem com poder poderia ajudá-los”. Em vez disso, eles imploraram a Jesus que fosse embora. Ele tem poder, mas é do outro lado. Para as pessoas que viviam em Decápolis, alguém que é do “outro lado” poderia machucá-las. Alguém que é do “outro lado” vai ter uma agenda. Alguém que é do outro lado terá uma atitude de superioridade, será crítico ou distante. Eles tinham medo de alguém do “outro lado”.

Essa reação reflete a resistência que muitas vezes encontramos ao apresentar o Evangelho a pessoas que não estão familiarizadas ou são hostis à mensagem de Cristo. O medo do desconhecido, o medo do poder transformador que desafia as normas e os poderes existentes, muitas vezes pode levar à rejeição.

Quando Jesus estava entrando no barco, o homem que havia sido possuído por demônios implorou para ir com ele. Imagine esta cena em sua mente: O homem se prostra diante de Jesus e suplica: “Eu tenho vivido aqui em toda essa escuridão toda a minha vida, e isso me destruiu. Deixe-me sair daqui. Eu só quero estar com você. Vou deixar tudo — todos que conheço, tudo o que tenho, que não é muito — mas só quero segui-Lo”. Ele não apenas faz esse pedido; ele implora, ele chora, ele está desesperado. E, no entanto, Jesus amorosamente diz não. Em Marcos 5:19, Jesus não o deixou, mas disse: “Vá para a sua casa, para os seus parentes, e conte-lhes tudo o que o Senhor fez por você e como teve compaixão de você.”

Imagine os sentimentos desse homem enquanto o barco se afasta e ele não está a bordo.

O poder do testemunho:

No entanto, nesta narrativa, há um raio de esperança. O homem que foi curado não viajou de volta com Jesus, mas foi comissionado a ficar e testemunhar entre seu próprio povo. Este homem, antes acorrentado por demônios, agora libertado por Cristo, tornou-se o primeiro missionário na região de Decápolis, a região ímpia do outro lado do lago. Ele seguiu as instruções de Jesus e começou a dar testemunho. Agora temos um missionário — com conhecimento em primeira mão do poder milagroso de Deus e cujo testemunho pessoal começou a amolecer os solos duros de sua terra natal. Leia também Lucas 8:38, 39.

Vários meses se passaram, e um dia Jesus decidiu ir novamente para o outro lado. Dessa vez, porém, a atmosfera havia mudado drasticamente — o que antes era um território hostil agora celebrava Sua presença.

“Saindo dali, Jesus foi para junto do mar da Galileia; e, subindo ao monte, assentou-se ali. E vieram a ele muitas multidões trazendo consigo coxos, cegos, aleijados, mudos e muitos outros e os deixaram junto aos pés de Jesus; e ele os curou. O povo ficou maravilhado ao ver que os mudos falavam, os aleijados recuperavam a saúde, os coxos andavam e os cegos viam. E glorificavam o Deus de Israel.”

Eles louvaram o Deus de Israel! A primeira vez que Jesus foi para o “outro lado”, ninguém estava em casa, exceto um homem atormentado por demônios. E todos imploraram para que ele fosse embora. Na segunda vez que vem, Ele tem uma das respostas mais dramáticas à Sua chegada em todos os evangelhos. O que aconteceu? Bem, um homem contou sua história. Marcos 5:20 nos diz que um homem viajou de uma cidade para outra, de um bairro para outro, e disse: “Deixe-me contar a vocês sobre esse homem Jesus e o que Ele fez por mim”. Seu testemunho transformou cidades inteiras. Havia uma maneira de esse homem alcançar as pessoas do “outro lado” que, inicialmente, nem mesmo os discípulos de Jesus, nem o próprio Jesus, poderiam.

Essa transformação mostra o poder do testemunho pessoal — um testemunho que muitas vezes pode penetrar e alcançar onde os métodos tradicionais não podem.

Chamado aos discípulos modernos:

Qual é, então, o “outro lado” para nós hoje? Pode não ser uma terra demoníaca, mas pode ser um país estrangeiro, uma comunidade diferente ou até mesmo territórios ideológicos opostos. Nosso chamado é semelhante ao dos primeiros discípulos — sair corajosamente de nossas zonas de conforto e nos envolver com aqueles que são radicalmente diferentes, levando a luz de Cristo a cantos escuros de mal-entendidos e preconceitos. Assim como o homem possuído por demônios foi mudado para sempre, há muitos que estão esperando ansiosamente que compartilhem as boas-novas com eles. Eles estão esperando por esperança. Ansiando por amor. Eles estão esperando por você, estão esperando que eu os alcance.

Conclusão:

Ao refletirmos sobre onde nosso “outro lado” pode estar, lembremo-nos de que Cristo não nos chama ao conforto, mas à coragem. O campo missionário global é vasto e exige que transcendamos não apenas as fronteiras geográficas, mas também culturais, linguísticas e ideológicas. Como os discípulos e o homem curado de Decápolis, estamos equipados com a ferramenta mais poderosa — nosso testemunho e o amor transformador de Cristo. Oremos e peçamos a Deus a coragem e a força para seguir em frente, levando esta luz, e observando como os muros outrora impenetráveis do medo e da rejeição se transformam em portões de acolhimento e aceitação.

Oração:

Querido Pai Celestial,

Obrigado por tudo o que o Senhor nos faz. Obrigado por nos convencer a estar aqui hoje. Obrigado por sua comissão de ir a TODO o mundo e ensinar aos outros sobre o Senhor. Dê-nos coragem e força, dê-nos a ousadia que o Senhor deu aos primeiros apóstolos para compartilhar Seu mundo. Não nos deixe desanimar. Agradecemos por todas as coisas.

Amém

Perguntas para discussão:

1. O que a decisão intencional de Jesus de atravessar para o “outro lado” nos ensina sobre sair de nossas zonas de conforto? Como podemos aplicar essa lição em nossas próprias vidas quando nos deparamos com pessoas ou comunidades que são diferentes de nós, seja cultural, ideológica ou espiritualmente?
2. Como a reação das pessoas em Decápolis — medo e rejeição do poder milagroso de Jesus — reflete os desafios que os cristãos enfrentam hoje ao compartilhar o Evangelho em ambientes desconhecidos ou hostis? De que maneiras podemos nos preparar para uma rejeição semelhante, e como devemos reagir quando nossa mensagem não é bem recebida inicialmente?
3. O homem curado foi comissionado a testemunhar sobre Jesus para seu próprio povo, e seu testemunho transformou uma região. Qual é o papel do testemunho pessoal no evangelismo e por que ele costuma ser mais eficaz do que os métodos tradicionais de ação missionária? Como podemos usar nossas próprias histórias pessoais de transformação para alcançar outras pessoas em nossa comunidade ou fora dela?

A missão inacabada: Alcançando os budistas com o Evangelho

“Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: — Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que tenho ordenado a vocês. E eis que estou com vocês todos os dias, até o fim dos tempos. Amém.”

Mateus 28:18-20

Você já se perguntou quantos budistas ainda estão esperando para ouvir o evangelho e encontrar Jesus de maneira pessoal?

De acordo com a wikipedia.org, o budismo é “a quarta maior religião do mundo, com mais de 520 milhões de seguidores, conhecidos como budistas, que representam sete por cento da população global. Surgiu na planície oriental do Ganges como um movimento śramaṇa no século 5 a.C., e gradualmente se espalhou por grande parte da Ásia. Posteriormente, o budismo desempenhou um papel importante na cultura e espiritualidade asiáticas, eventualmente se espalhando para o Ocidente no século 20.” A grande maioria vive na região do mundo que abrange a Ásia, a África e a Europa (conhecida como Janela 10/40), onde muitas pessoas não são expostas ao evangelho. Os budistas mais conservadores residem no sudeste da Ásia, em países como

Camboja, Laos, Tailândia, Mianmar e Vietnã. Nessa região, menos de 1% dos budistas foram alcançados ou aceitaram Jesus. Você pode achar encorajador que cerca de 1,2% da população da Tailândia se identifique como cristã, mas será que isso realmente o satisfaria? Desse 1,2%, apenas 0,01% são de origem budista. O restante vem de tradições animistas. Isso representa uma fração minúscula da população budista geral. Um número ainda menor de ex-budistas no Camboja e no Laos abraçou o evangelho. No entanto, às vezes nos convencemos de que esses países foram suficientemente alcançados para Cristo. Essa percepção é uma forma de autoengano, que nos permite justificar nossa inércia em ir a essas nações em prol do evangelho.

O budismo é dividido em três ramos principais: Hinayana (ou Theravada), Mahayana e Vajrayana. O Theravada, o ramo mais conservador, é predominante no sudeste da Ásia. O Mahayana, o ramo mais liberal, é encontrado em países como China, Coreia, Japão, Hong Kong, Taiwan e Vietnã. Muito parecido com seus colegas Theravada, muito poucos budistas Mahayana conheceram Jesus como seu Salvador. Isso significa que o trabalho de compartilhar o evangelho com os budistas permanece vasto e em grande parte não realizado. O Vajrayana, muitas vezes referido como budismo tibetano, é o terceiro ramo. Essa forma mística de budismo é encontrada em nações restritas, como Tibete, Butão, Nepal, Mongólia e partes da Rússia, onde o evangelismo é geralmente ilegal, o que torna ainda mais desafiador alcançar esses budistas com o evangelho.

Quando consideramos todos os três ramos do budismo, o escopo do desafio fica claro: o mundo budista permanece em grande parte não alcançado. Na verdade, há mais cristãos se convertendo ao budismo do que budistas se convertendo ao cristianismo. Mesmo em países tradicionalmente associados ao cristianismo, como Austrália, Reino Unido e Estados Unidos, o budismo é uma das religiões que mais crescem.

Essa realidade nos chama à ação. Não podemos mais ignorar as necessidades espirituais do mundo budista. A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos.

Ordem de Jesus:

“Portanto, vão a todos os povos do mundo e façam com que sejam meus seguidores, batizando esses seguidores em nome do Pai, do Filho e do Espírito” Santo (Mateus 28:19, NTLH).

Isso inclui os muitos budistas que ainda não ouviram o evangelho de maneira significativa. **O Senhor precisa de jovens adultos, como vocês,** para compartilhar Seu amor com eles.

Quando Jesus disse: “Vão”, Ele não estava nos chamando para viajar a lazer, mas para a missão de espalhar o evangelho. A Tailândia, um dos países mais visitados da Ásia, recebeu 39 milhões de turistas em 2019 e foi visitada por cerca de 35 milhões em 2024. Muitos são atraídos para essas nações budistas por causa da simpatia e hospitalidade do povo. Então, o que está impedindo você de compartilhar o amor de Deus nesses países? Se você vier a essas nações com um coração voltado para a missão, sem dúvida será abençoado.

O que fazer e o que não fazer:

O que fazer:

- 1. Seja um amigo primeiro:** Os budistas são pessoas amigáveis. Comece construindo relacionamentos por meio de atos de bondade, como compartilhar uma refeição ou oferecer pequenos presentes.
- 2. Ore por eles:** Ofereça-se para orar por suas necessidades. Muitos budistas estão abertos à oração e, quando veem Deus respondendo às suas orações, seus corações se abrem ao evangelho.
- 3. Ensine inglês:** Em países como Tailândia e Camboja, muitos jovens querem aprender inglês. Você pode ajudar oferecendo aulas gratuitas, o que cria oportunidades para construir relacionamentos e compartilhar sua fé.
- 4. Sirva de maneiras simples:** O evangelismo não precisa ser complicado. Ajude a atender às necessidades básicas, e as pessoas ouvirão quando você compartilhar sua fé.

O que não fazer:

- 1. Não critique suas crenças:** Evite debater ou atacar os ensinamentos budistas. Em vez disso, concentre-se em compartilhar o amor de Jesus e seu testemunho pessoal.
- 2. Não espere resultados imediatos:** A conversão pode levar tempo, especialmente em culturas com fortes raízes religiosas. Seja paciente e confie que Deus está trabalhando através de você.
- 3. Não vá sozinho:** Construa uma rede de apoio de outros irmãos na fé e uma comunidade da igreja local para apoio espiritual e emocional. Leia Marcos 6:7.

Pregar o evangelho é simples:

Depois que João Batista foi preso, Jesus foi para a Galileia, proclamando as boas-novas de Deus: “‘O tempo é chegado’, [...] ‘O reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas-novas!’” (Marcos 1:14, 15, NVI)

João Batista foi o primeiro a pregar uma mensagem de arrependimento, e, quando foi preso, Jesus assumiu esse papel, proclamando as boas-novas do Reino de Deus. Antes de ascender ao Céu, Jesus deu a Seus discípulos uma diretriz clara: continuem espalhando o evangelho por toda a Terra.

“Então, Jesus aproximou-se deles e disse: ‘Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos.’” (Mateus 28:18-20, NVI).

Mesmo nos últimos dias de seu ministério, João, o último dos discípulos a permanecer vivo, enfatizou a mesma mensagem, lembrando-nos de cumprir a ordem de Jesus.

“Então vi outro anjo, que voava pelo céu e tinha na mão o evangelho eterno para proclamar aos que habitam na terra, a toda nação, tribo, língua e povo” (Apocalipse 14:6, NVI).

Como adventistas do sétimo dia, acreditamos que Deus nos confiou, como Sua Igreja Remanescente, a missão sagrada de proclamar o evangelho eterno a toda nação, tribo, língua e povo, chamando todos a adorar o Deus Criador. O mandato é claro, e o apelo é urgente. Vamos em frente e cumpramos esta grande comissão.

Como o Senhor pode retornar quando apenas 0,01% dos budistas foram alcançados? Você sente a urgência de responder ao comando de Jesus e ir ao Sudeste Asiático para pregar o evangelho aos budistas? Mateus 28:18-20 é um chamado para outra pessoa ou é para você? Você deve esperar ou é hora de agir?

Não repita os erros do passado

No passado, seus antepassados atrasaram a construção da casa do Senhor, acreditando que não era o momento certo. Estamos cometendo o mesmo erro ao dizer que não é o momento certo para construir o Reino de Deus entre os budistas?

“Assim diz o Senhor dos Exércitos: Este povo diz: ‘Ainda não chegou a hora de reconstruir a casa do Senhor’” (Ageu 1:2, NVT).

Prioridades equivocadas:

É fácil entender por que os israelitas demoraram. Eles eram refugiados que retornavam da Babilônia e, por setenta anos, viveram no exílio. A maioria deles não era da geração que havia deixado Judá; eram seus avós. Eles não tinham memória de sua terra natal e tiveram que reconstruir suas vidas do zero, começando por suas próprias casas. Em termos humanos, isso parece razoável — mas não aos olhos de Deus. Para o povo de Deus, colocá-lo em primeiro lugar deve ser sempre a prioridade.

O próprio Jesus nos ensinou a buscar o Reino de Deus primeiro. No entanto, como os israelitas, muitas vezes dizemos: “Ainda não chegou a hora de reconstruir a casa do Senhor”, que é outra maneira de dizer: “Deixe-me construir minha própria casa primeiro, e a casa de Deus pode esperar”.

E quanto a nós?

Em que estamos focados hoje? Muitos de nós estamos ocupados construindo nossas vidas. Esse foco em educação, carreiras, casamento e família parece natural. Trabalhamos para garantir um futuro para nós mesmos e nossos filhos. Mas será que estamos colocando essas coisas acima do Reino de Deus? Embora não haja nada de errado com a educação, o casamento ou a formação de uma família, eles se tornam errados quando têm prioridade sobre a obra de Deus.

Deus não deveria entender? Sim, Ele sabe que essas coisas são importantes, mas Ele nos chama para colocar Seu Reino em primeiro lugar. Quando o fizermos, todo o resto se encaixará. Não repetamos o erro de priorizar nossas próprias vidas em detrimento da missão de Deus. **A hora de construir o Reino é agora.**

O que deu errado com os israelitas?

Em Ageu 1, vemos que os israelitas não estavam apenas construindo casas por necessidade — eles estavam buscando prosperidade. É por isso que Deus ficou chateado. Ele os abençoou, mas em vez de honrá-Lo, eles se concentraram em seu próprio conforto e sucesso. Como resultado, Deus “fechou a torneira da bênção”, e as consequências foram claras.

“Por que vocês vivem em casas luxuosas enquanto minha casa continua em ruínas?” Deus lhes perguntou. E então Ele descreveu o resultado de suas prioridades equivocadas: Vocês plantam muito, mas colhem pouco. Comem, mas não se saciam. Bebem, mas ainda têm sede. Vestem-se, mas não aquecem. Seus salários desaparecem como se vocês os estivessem colocando em bolsos cheios de buracos.

Deus estava lhes mostrando que, apesar de todos os seus esforços, eles não poderiam prosperar porque O haviam negligenciado.

A prioridade certa:

Deus então os chamou à ação:

“Assim diz o Senhor dos Exércitos: Vejam o que tem acontecido com vocês!”

A instrução de Deus era simples, mas urgente:

“Agora, subam as colinas, tragam madeira e reconstruam minha casa. Então me alegrarei nela e serei honrado”, diz o Senhor. ‘Vocês esperavam colheitas fartas, mas elas foram escassas. E, quando trouxeram esse pouco para casa, eu o fiz desaparecer com um sopro. Por quê? Porque minha casa continua em ruínas, [...] enquanto vocês estão ocupados construindo suas casas. É por causa de vocês que os céus retêm o orvalho e a terra não produz colheitas.’ Enviei uma seca para arruinar tudo o que vocês trabalharam tanto para conseguir”.

As prioridades equivocadas do povo trouxeram uma seca, tanto física quanto espiritual. Deus reteve Sua bênção porque eles estavam focados em sua própria prosperidade e não em Seu reino.

Uma reviravolta

Mas havia esperança. A mensagem de Deus por meio de Ageu agitou o coração do povo:

- Ageu, o mensageiro do Senhor, trouxe uma palavra de encorajamento: “Estou com vocês, diz o Senhor!”

- Deus despertou o entusiasmo de Zorobabel, governador de Judá, e Josué, o sumo sacerdote, bem como o entusiasmo de todo o restante do povo de Deus.

Eles começaram a reconstruir a casa de Deus em 21 de setembro, no segundo ano do reinado do rei Dario. (Nota: o 21º dia do sétimo mês no calendário hebraico normalmente cai entre o final de setembro e outubro, embora não se alinhe exatamente com 21 de setembro de cada ano.)

Isso marcou um ponto crucial. Quando o povo mudou seu foco de volta para as prioridades de Deus, Ele renovou Sua bênção. Foi um lembrete de que a verdadeira prosperidade vem somente quando Deus é colocado em primeiro lugar.

Trabalhando na Casa de Deus

Deus frequentemente compara Sua igreja à Sua família ou Sua casa:

“Mas, se eu demorar, você saberá como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e fundamento da verdade” (1 Timóteo 3:15).

Ele deseja que Sua igreja seja santa e imaculada:

“[...]para a apresentar a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito” (Efésios 5:27).

Construir a casa de Deus significa se envolver no trabalho missionário. Jesus chamou os pescadores para se tornarem pescadores de homens:

“Sigam-me, e eu os farei pescadores de homens” (Mateus 4:19, NVI).

O que isso significa para nós?

A pesca requer preparação. Aqui estão algumas lições que podemos aprender com isso:

1. Os peixes nunca vêm até nós.

Eles não pulam em nossos barcos ou panelas — temos que ir até onde eles estão. Da mesma forma, os budistas não virão até nós; devemos ir até eles.

2. Capturar peixes diferentes requer ferramentas e abordagens diferentes.

Assim como cada tipo de peixe requer uma isca específica, alcançar pessoas diferentes requer métodos diferentes. Se você for a um hospital, encontrará os doentes — o evangelismo da saúde repercutirá neles. Se você for a áreas rurais, encontrará agricultores e pobres — viver entre eles e ajudar a melhorar suas vidas abre portas para um testemunho significativo. Se você for às escolas, encontrará crianças e jovens — se você for jovem, poderá se conectar com eles mais facilmente.

Esta é uma necessidade urgente. Muitas de nossas igrejas na Janela 10/40, onde a maioria dos budistas vivem, estão encolhendo. Ganhamos muito poucos budistas, e a maioria dos membros de nossas igrejas nessas regiões são idosos. Nossa igreja precisa de **jovens para liderar** no sudeste da Ásia. Os idosos não podem atrair jovens nem podem produzir crescimento biológico.

Precisamos de **jovens missionários**. Enquanto Deus usou Moisés, que era idoso, para liderar Seu povo, **Jesus chamou jovens para serem Seus discípulos** e os enviou para pregar o evangelho. Ele nos pediu para orar para que mais trabalhadores fossem para os campos. Na Ásia, onde vivem 99% dos budistas, a necessidade é desesperadora. Apenas 1% das pessoas na Tailândia, Camboja, Laos e Vietnã são cristãos, e menos de 0,1% dos budistas abraçaram o cristianismo. Na Tailândia, existem 17.000 adventistas, mas mais de 90% vêm de origens animistas. Menos de 1.000 são de origem budista. Os números são igualmente baixos em Mianmar, Laos, Vietnã e Camboja.

Os 520 milhões de budistas (incluindo budistas chineses) merecem ouvir a mensagem do evangelho antes do retorno de Jesus?

A urgência da Missão:

Se você se sente chamado a agir, saiba que este trabalho é urgente. Jesus ilustrou essa urgência em Sua parábola dos trabalhadores na vinha, onde Ele procurou trabalhadores até a última hora. O mesmo se aplica à colheita de almas. Quando o arroz está pronto para a colheita, ele deve ser colhido dentro de 3 a 5 dias ou os grãos cairão no chão. O mesmo se aplica para alcançar os budistas — eles estão maduros para a colheita agora.

Atualmente, não há nenhuma missão patrocinada pela Igreja no nordeste da Tailândia, onde vivem 23 milhões de budistas. Será que podemos continuar ignorando o chamado para alcançar essas pessoas? Será que é porque acreditamos que é muito difícil compartilhar o amor de Deus com os budistas?

O Senhor está chamando você?

A colheita precisa de jovens trabalhadores. Assim como os idosos podem ter dificuldades físicas para colher arroz, as gerações mais velhas não conseguem alcançar os jovens budistas de forma tão eficaz. Deus precisa de missionários jovens e vibrantes para ir à Ásia e trazer Sua colheita.

Você está disposto a ir?

Você será como Isaías ou Jonas?

Isaías ouviu o chamado de Deus e respondeu: “Eis-me aqui, envia-me a mim!” (Isaías 6:8). Jonas, por outro lado, fugiu de sua missão. Ele finalmente foi, mas a contragosto. Não seria melhor ir voluntariamente?

A pergunta permanece: Você atenderá ao chamado de Deus para pregar aos budistas no sudeste da Ásia? É agora o momento ou você vai adiar, como outros fizeram, dizendo: “Não é o momento certo para reconstruir a casa do Senhor?”

Como pregar aos budistas:

Muitos se sentem desconfortáveis em alcançar os budistas, dado o desafio de converter menos de 1%. Mas Deus só pede que você vá —Ele usará você.

1. Ministério de Atos de Bondade:

Os budistas são amigáveis e valorizam os relacionamentos. Ao visitar suas casas, oferecer pequenos presentes e construir amizades, a confiança cresce. Quando perguntarem por que você é tão gentil, você terá a chance de compartilhar sua fé.

2. Ministério de Oração:

Seja aberto sobre sua fé e ofereça-se para orar por suas necessidades. Os budistas não se importam em orar a outro Deus, mas quando experimentam respostas à oração, podem entregar seus corações a Jesus. Temos visto doentes sendo curados e alcoólatras serem libertados por meio da oração, levando muitos ao batismo.

3. Alcançando os budistas por meio da comida:

Compartilhar refeições é uma maneira poderosa de se conectar. Jesus disse: “Deem vocês mesmos de comer a eles” (Marcos 6:37). Oferecer comida aos necessitados abre portas para o evangelismo. Em um caso, as habilidades culinárias de uma mulher ajudaram a plantar uma igreja em um vilarejo budista.

4. Ensinando inglês para crianças:

O inglês está em alta demanda, e ensiná-lo proporciona uma maneira fácil de construir relacionamentos com as crianças e os pais, muitos dos quais se filiaram à igreja depois que seus filhos o fizeram.

5. Ministério de Rádio:

O rádio pode parecer desatualizado, mas em nossa região ele ainda é eficaz. Batizamos muitos ouvintes que ouviram o evangelho pela primeira vez por meio das ondas de rádio.

Esses métodos simples estão funcionando no nordeste da Tailândia, onde a população é 100% budista. Tudo o que você precisa é estar disposto a vir e ajudar.

Conclusão:

A necessidade de missionários em países budistas nunca foi tão grande. Jesus está voltando em breve e está contando com você para alcançar e compartilhar as boas-novas com aqueles que ainda não O conhecem. Você não precisa ser um grande pregador ou ter um alto grau de instrução — basta ter um coração disposto e uma mente aberta. Deus o equipará para o trabalho.

Você dirá: “Eis-me aqui, envia-me a mim!”

Oração:

Querido Deus,

Vimos ao Senhor com o coração aberto, prontos para servir e compartilhar Seu amor. Guie-nos ao darmos um passo de fé para alcançar aqueles que ainda não ouviram as boas-novas. Dê-nos coragem e sabedoria para seguir Seu chamado. Que nossas palavras e ações reflitam Seu amor e graça. Pedimos corações abertos entre nossos amigos budistas e que Seu Espírito os conduza a um relacionamento com o Senhor. Em nome de Jesus, amém.

Perguntas para discussão:

1. Quais são algumas das razões pelas quais muitos de nós hesitamos em responder ao chamado para espalhar o evangelho às nações budistas e como podemos superar essas barreiras?
2. De que maneira podemos ser mais intencionais na construção de relacionamentos com os budistas para criar oportunidades de compartilhar o evangelho, tanto em nossas comunidades quanto globalmente?
3. Como podemos, como Igreja, mobilizar jovens adultos para se engajarem em missões, especialmente em áreas como o Sudeste Asiático, onde a necessidade é urgente?

Cruzando barreiras culturais

“Antes, santifiquem Cristo como Senhor no coração. Estejam sempre preparados para responder a qualquer que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês.”

Texto principal: 1 Pedro 3:15 (NVI)

Introdução - hinduísmo

Quando pensamos em sul-asiáticos (Índia, Nepal, Bangladesh, Sri Lanka, etc.), o que nos vem à mente? Você pode dizer: cultura, festivais, chá ou comida picante. Bem, você adivinhou certo. Basta digitar “restaurante indiano” em sua pesquisa no mapa. Você pode se surpreender ao encontrar mais de um restaurante do sul da Ásia em sua região. Hoje, aprenderemos mais sobre um dos grupos de pessoas dessa área, comumente chamados de hindus.

A maioria dos sul-asiáticos são hindus e têm raízes no subcontinente indiano. A palavra “hindu” é um termo relativamente recente cunhado pelo Império Britânico no século 19. É um termo geral usado para descrever a maioria das práticas religiosas da Índia. De acordo com a wikipedia.org, há cerca de 1,2 bilhão de hindus em todo o mundo, o que representa cerca de 15% da população mundial.

O hinduísmo é mais bem definido como uma “família de religião” composta por muitas escolas de pensamento. Ele é melhor compreendido em duas categorias:

tradições filosóficas e populares. De acordo com Bharti, a melhor compreensão do hinduísmo é “entender os próprios hindus”.

Outra maneira de entender o hinduísmo é que ele é um modo de vida, uma civilização, uma ordem social e mais do que uma religião; inclui as esferas moral, espiritual e social da vida.

Uma breve comparação entre o adventismo e o hinduísmo-

Valores familiares

Adventistas e hindus têm muitos valores familiares em comum, embora o fato de se autodenominar cristão ou hindu não garanta que a pessoa tenha fortes valores familiares. Muitas vezes, os hindus demonstram valores familiares melhores do que os cristãos. No entanto, é consenso que, seja você hindu ou adventista, os valores familiares são vividos por meio de esforços intencionais e práticas de estilo de vida. Os ensinamentos hindus afirmam que uma boa família é aquela que pratica sacrifício, amor, serviço à humanidade e observância religiosa. Semelhante aos adventistas, os hindus entendem e respeitam a importância do culto familiar. De acordo com os ensinamentos hindus, o chefe da família é o pai, que desempenha um papel vital na liderança da família ao realizar o *yagna*, que é o ritual de garantir as bênçãos das divindades anualmente. Além disso, os hindus esperam que mulheres e homens sigam um código de conduta rigoroso na sociedade. Estes são semelhantes aos ensinamentos da Bíblia, nos quais Deus espera que o chefe da família seja o pai, e o pai deve liderar a família na adoração e modelar Jesus Cristo para sua família.

Outra semelhança entre hindus e adventistas é o respeito pela humanidade e seus ensinamentos sobre honrar pais e idosos. Os hindus honram as contribuições dos seres humanos de diferentes maneiras. Por exemplo, os hindus usam dias especiais de adoração para mostrar publicamente o quanto eles valorizam as contribuições de seus antepassados.

Vida espiritual

Erroneamente, muitos cristãos consideram os hindus apenas como adoradores de ídolos que praticam rituais pagãos. Essa não é uma avaliação precisa de todos os hindus. Embora a maioria dos hindus seja classificada como pessoas que adoram ídolos, há aqueles que não adoram nenhum ídolo ou que adoram apenas uma divindade. Além disso, embora seja verdade que os hindus têm muitos rituais que são estranhos e provavelmente difíceis de serem compreendidos pelos cristãos, o mesmo pode ser dito dos rituais

e práticas cristãs de uma perspectiva hindu. Os hindus na diáspora raramente interagem com os cristãos em um nível profundo devido às diferenças de religião, cultura e idioma. Esses fatores contribuem para a falta de compreensão dos hindus sobre o estilo de adoração, a cultura e a espiritualidade do adventismo. De fato, muitos hindus têm a ideia errada de que a Igreja Católica é toda a Igreja Cristã e de que o Papa é seu líder. Ao interagir com os hindus, seria útil explicar-lhes a jornada espiritual do adventismo.

Muitos hindus estão dispostos a falar sobre assuntos espirituais, como quem é Deus, como alguém se torna santo, como superar maus hábitos e o que é necessário para se tornar uma boa pessoa. A visão hindu de Deus é diferente da visão adventista, e os hindus geralmente ficam surpresos ao saber que a Bíblia ensina que Deus é amor, que Ele é poderoso e Se importa com os assuntos da humanidade. Reservar um tempo para compartilhar sua experiência do amor de Deus por você é um bom ponto de partida ao compartilhar sua fé com um hindu. Os hindus ficam intrigados com o estilo de vida espiritual dos adventistas, especialmente com os ensinamentos e práticas adventistas sobre o perdão e uma vida de paz, contentamento e felicidade em Deus. A verdade é que tanto os adventistas quanto os hindus desejam fortemente ter uma caminhada espiritual com Deus e consideram a devoção como parte integrante de sua fé.

Salvação

O objetivo de um hindu é alcançar *moksha* ou salvação. As qualificações básicas para *moksha*, seja nesta vida ou em outra reencarnação, são de responsabilidade do indivíduo. No adventismo, a salvação culmina em conviver com um Deus pessoal, enquanto no hinduísmo, *moksha* ou salvação é quando alguém deixa de existir ao se tornar um com a Realidade Eterna. Os hindus acreditam que isso acontecerá seguindo os rituais e ensinamentos prescritos pelo hinduísmo. No entanto, os hindus geralmente lutam com a garantia de *moksha*.

Em comparação, a Bíblia ensina que os cristãos podem ter a certeza da salvação aceitando-a como um dom gratuito dado por Deus. A diferença entre os dois sistemas é que no hinduísmo o *moksha* é conquistado pelo esforço humano, enquanto no cristianismo, a salvação não pode ser conquistada por meio de obras. As ações de alguém demonstram a aceitação da dádiva da salvação por meio da submissão a Deus.

Quando você interage com os hindus, é útil compartilhar que os cristãos têm a certeza da salvação e que receberão a salvação e a vida eterna. No entanto, você deve evitar comparar e contrastar processos de salvação porque os hindus têm muitos processos e métodos diferentes para obter *moksha*. É melhor afirmar que Deus deseja Se reunir conosco.

Vida devocional

Tanto o cristianismo quanto o hinduísmo defendem a devoção total a Deus. As diferenças entre as duas religiões podem ser descritas como o propósito da devoção, o canal para se tornar um devoto, os benefícios da devoção e, por fim, os resultados que se acredita obter com a devoção. Por exemplo, no hinduísmo, espera-se que os devotos participem de exercícios espirituais diários para obter *moksha* ou salvação. O *Bhagavad Gita*, as escrituras hindus, afirma que mesmo a pessoa mais perversa pode ser salva invocando o nome de deus e reconhecendo seus erros (Sarma 2003, 44). Assim, o cristianismo e o hinduísmo diferem quanto aos critérios para a salvação. No cristianismo, a salvação é uma dádiva gratuita, e os seres humanos têm o poder de escolher Deus. Por outro lado, no hinduísmo, a ênfase é colocada na capacidade da pessoa de atender aos requisitos e práticas religiosas básicas.

A adoração faz parte da devoção e desempenha um papel muito significativo em todas as áreas da vida hindu. Os hindus comparam a adoração ao ar que os humanos respiram; não se pode sobreviver sem ele. Os hindus têm adoração regular em casa — alguns adoram apenas pela manhã, enquanto outros adoram pela manhã e à noite. A área de adoração no lar é sagrada — pode ser qualquer área designada, um cômodo inteiro ou uma parte da sala de estar. Os cultos domésticos hindus variam de acordo com a tradição, mas todos os hindus acreditam que, ao adorar, eles buscam a ajuda das divindades. Os adoradores esperam bênçãos e fazem pedidos por meio de rituais diários. Os rituais de adoração hindu incluem oferecer flores e/ou comida no altar da família.

Construindo uma ponte

O relacionamento de Deus e, em última análise, Sua missão para com as “nações” repousava em Sua soberania sobre elas, independentemente de as “nações” O reconhecerem como tal ou não. O fato é que todas as “nações” da Terra inteira não eram nada mais do que “um pingo que cai de um balde” (Isaías 40: 15) para Deus (Tompkins, p. 6). As religiões do mundo, especialmente o hinduísmo, são comparáveis às “nações” encontradas no Antigo Testamento. Para que isso fique claro, é preciso entender o que se entende por hinduísmo, tendo em mente que este não é um estudo aprofundado do hinduísmo (Tompkins, p. 12). Mas, como as nações da antiguidade, há mais do que apenas o reconhecimento de que Deus é Soberano. Deus queria abençoar as nações (Gênesis 12:3) e Ele quer abençoar os hindus hoje. O chamado de Deus a Abraão ainda está sendo cumprido e continuará a ser enquanto houver nesta Terra (Tompkins, p. 12). Somos chamados a construir uma ponte para os hindus do mundo.

Por onde começamos?

Cada grupo de pessoas tem sua maneira de demonstrar hospitalidade e seus métodos de ensinar seus adeptos. Isso também se aplica aos sul-asiáticos. A hospitalidade é muito importante em sua cultura e é ensinada desde a mais tenra idade. Os adultos devem praticá-la e passar esses valores para a próxima geração. De acordo com estudiosos hindus, a hospitalidade é uma obrigação religiosa e social. Para os hindus, receber visitantes ou estranhos é inegociável. É ensinado que, ao demonstrar hospitalidade a estranhos ou visitantes, a pessoa receberá bênçãos.

Na cultura do sul da Ásia, a amizade é formada quando há comida envolvida. Como adventistas do sétimo dia, interpretar mal a cultura de nossos amigos hindus pode levar à desconfiança em nossos relacionamentos com eles. Por exemplo, se seus amigos hindus o convidarem para ir à casa deles e lhe oferecerem comida ou algo para beber, mas você recusa, sua recusa pode ser vista como uma rejeição à amizade deles. Portanto, é aconselhável estar atento aos costumes do sul da Ásia. Construir confiança entre os hindus leva tempo e paciência. Uma vez que você tenha conquistado a confiança de seus amigos hindus, será mais fácil compartilhar as boas-novas de Jesus Cristo.

Entendendo o povo hindu

A cosmovisão hindu impede que os hindus se misturem com os cristãos, pois isso pode levar a um diálogo sobre questões espirituais que desafiam sua cosmovisão. Portanto, os formadores de discípulos devem ser conhecidos entre as comunidades hindus como uma bênção, não como uma ameaça. O modelo dado à Igreja Adventista por Ellen White abre o caminho para a conexão com os hindus de forma não ameaçadora. O “método de Cristo”, conforme descrito sucintamente no livro *A Ciência do Bom Viver* (1905, p. 143), é um método testado e comprovado entre os hindus. À medida que os hindus se misturam com os adventistas, sua cosmovisão é perturbada. Hiebert observa que a exposição a outra visão de mundo é um meio de transformação da cosmovisão. Ele escreve que quando uma pessoa entra em outra cosmovisão, ela é capaz de ver seus pontos fortes e fracos (Hiebert 2008, p. 321).

Pertencer antes de se tornar

Tornar-se um discípulo é realmente uma jornada. “Pertencer antes de se tornar” refere-se ao estágio antes de os hindus aceitarem Jesus Cristo como seu Salvador pessoal. Muitos modelos de discipulado presumem que a pessoa que está sendo discipulada já aceitou Jesus, o que pode estar correto porque discipulado vem da palavra discípulo. No entanto, a maioria dos hindus não tem um quadro de referência cristão para o Deus da Bíblia, nem uma compreensão da cultura cristã. Em alguns

aspectos, a cultura e a visão de mundo hindus estão totalmente fora de sincronia com as doutrinas cristãs. Portanto, é necessário considerar que o discipulado começa antes de uma pessoa aceitar de Jesus por meio do batismo. Essa abordagem recomenda que os hindus sejam bem-vindos na comunidade adventista sem o compromisso formal do batismo — isso permitirá que eles experimentem e vejam que Deus é bom. Quando as famílias hindus experimentam o amor e a graça de Jesus Cristo, o processo de transição e discipulado se torna mais eficaz.

O que fazer e o que não fazer

No adventismo, há muitos termos usados para apresentar e descrever o evangelismo entre grupos de povos não alcançados. Muitos desses termos foram adotados de outras denominações cristãs. Infelizmente, vários desses termos ficaram carregados de preconceitos, nuances coloniais, superioridade e crueldade em nome de Jesus Cristo. Abaixo estão alguns termos significativos comumente usados que você deve conhecer ao interagir com os hindus.

O significado de conversão no cristianismo difere substancialmente da interpretação hindu do termo. Para os hindus, conversão significa abandonar a cultura, a família e a sociedade para se juntar a algo estranho e estrangeiro. Em alguns contextos hindus, a conversão se tornou até mesmo uma questão política. Apresentar a ideia cristã de conversão aos hindus muitas vezes se torna um obstáculo desnecessário que os impede de aceitar Jesus. É melhor permitir que a conversão seja uma experiência em vez de um evento ou uma frase de efeito vagamente usada ao compartilhar sua fé com os hindus.

Os hindus são muito abertos a aprender sobre Jesus Cristo. No entanto, surge um desafio quando eles são incentivados a se batizar sem entender completamente o propósito ou significado do batismo. Muitos hindus herdaram uma compreensão incorreta do batismo. Esse mal-entendido é derivado de experiências passadas com cristãos na Índia. Historicamente, o batismo tem sido celebrado como um evento que marcou a vitória sobre o hinduísmo. Como resultado, surgiu um movimento nacional indiano que via o batismo como uma ferramenta política que os ocidentais usavam como forma de reprimir seu povo. Hoje, pouca coisa mudou em relação a essa visão sobre o batismo.

O batismo nunca deve ser forçado a ninguém e deve ser tratado simplesmente como um aspecto da jornada de um indivíduo com Cristo. Deve ser algo que os hindus celebram com seus filhos e cônjuges, em vez de um meio de dividir uma família ou comunidade. É melhor permitir que a conversão dos hindus aconteça apenas por meio da operação do Espírito Santo, não da coerção. Então, com o tempo, eles poderão aceitar e desejar a expressão pública do batismo e continuar como testemunhas em suas comunidades.

Os hindus têm muitas visões distorcidas do cristianismo. Um deles é o mal-entendido de que o cristianismo é uma religião dos dalits ou harijans. Esse mal-entendido decorre de como o cristianismo entrou nas comunidades hindus na Índia. O cristianismo foi inicialmente associado apenas a uma certa casta na Índia; no entanto, embora muitas mudanças tenham ocorrido nos últimos tempos, essa percepção ainda existe. Em um aspecto muito positivo, muitos hindus confessam que desejam ter a paz semelhante à de Cristo que existe entre os cristãos. Passar um tempo de qualidade com os hindus em um ambiente não ameaçador permite que eles sejam expostos a Jesus Cristo sem ouvir um sermão. Em vez disso, eles podem testemunhar um sermão de vida prática. Esse tempo de qualidade é fundamental para estabelecer confiança com os hindus. Na prática, essa conexão pode ser criada de várias maneiras, como por meio de um centro de influência na comunidade; um ministério de oração que se concentra na cura - de preferência nas casas dos hindus ou na igreja, conforme a orientação do Espírito Santo; ou um ministério de amizade por meio de convites para a casa de alguém ou para eventos especiais. Seja qual for o método, o objetivo é se conectar com os hindus de maneiras que os levem a conhecer Jesus.

Oportunidades de testemunho

Essa pergunta já está respondida na Bíblia. Jesus Cristo deu Sua vida por toda a humanidade, inclusive pelos hindus. Portanto, é imperativo que todos experimentem Seu amor. No entanto, a responsabilidade de testemunhar não torna os adventistas melhores do que os hindus. O principal princípio a ser lembrado ao compartilhar sua fé com os hindus é que Deus está e tem estado trabalhando na vida dos hindus muito antes de qualquer adventista entrar em contato com eles. As semelhanças mencionadas acima indicam que os hindus têm muitas crenças semelhantes aos ensinamentos da Bíblia. Os hindus acreditam na existência do mal e dos espíritos malignos. O que eles precisam é de orientação em sua jornada espiritual com Deus, uma abordagem que requer humildade, paciência e amor por seus amigos hindus.

Os hindus não estão familiarizados com a cosmovisão cristã. Por exemplo, eles provavelmente não conhecem a história de Moisés ou Adão, nem entendem termos cristãos como santificação ou justificação. Portanto, é melhor evitar a abordagem de texto de prova ao estudar a Bíblia com hindus. Em vez disso, conte-lhes uma história e explique o significado e os ensinamentos dessa história. Os hindus estão familiarizados com esse formato de aprendizado. A vida de Cristo e os eventos do fim dos tempos são geralmente atraentes para os hindus. As histórias de Rute e o livro de João também são bons exemplos de por onde começar ao ter um estudo bíblico com hindus. No entanto, lembre-se de que os hindus estão confusos quanto

ao conceito da morte de Jesus. Muitos acreditam que Deus não pode morrer. Usar uma linguagem simples será muito útil.

Compartilhando sua fé:

Chefe da família

Em um contexto orientado para o grupo, o foco deve estar no *karta* (chefe) da família e da comunidade. O *karta* é a pessoa mais influente da família. Geralmente do sexo masculino e chefe de família, o *karta* é amado e temido. Ele é uma figura paterna que pode ser o pai, o avô, o sogro ou o tio, ou, nos tempos modernos, uma mulher respeitada (Sinha 1995). Quando o chefe da família aceita os ensinamentos de Jesus, é muito mais fácil para o resto da família abraçar a fé recém-descoberta. A Bíblia registra a história de uma estrutura familiar semelhante à do sistema familiar indiano. Josué, um líder entre seu povo, declarou: "Eu e a minha casa serviremos o Senhor" (Js 24:15).

Pessoa de paz

Além disso, Jesus sugeriu um modelo de pessoa de paz em Lucas 10:5-12. De acordo com essa passagem bíblica, os adventistas devem procurar uma pessoa de paz na comunidade hindu. A pessoa de paz é um residente na comunidade, alguém que é respeitado e que pode influenciar os outros em suas jornadas para Cristo. Outros exemplos de uma pessoa de paz na Bíblia incluem o centurião (Lucas 7:1-10), a mulher samaritana (João 4:1-30), Cornélio (Atos 10:9-11:1), Lídia (Atos 16:13-15) e o carcereiro de Filipos (Atos 16:22-38). Todas essas pessoas influenciaram outras a aceitar Jesus.

Centro de influência:

De acordo com Gary Krause (2019), os Life Hope Centers (Centros de Esperança de Vida) são centros de influência que modelam o método holístico de ministério de Jesus. Ele observou que Ellen G. White imaginou esses centros como tendo uma ampla variedade de atividades, como educação sobre estilo de vida, salas de tratamento, restaurantes e pequenos grupos (Krause, 2019).

Esses centros podem ajudar a facilitar o contato com o mundo não cristão por meio de "relações sociais" (White 1905, p. 480). Esse modelo não é uma abordagem de propaganda enganosa, mas sim uma abordagem orgânica que começa e termina com o atendimento das necessidades das pessoas, independentemente de suas origens ou escolhas na vida.

Poder da Oração:

Orar pelos hindus geralmente abre portas para o diálogo e oportunidades para relacionamentos duradouros. Testemunhos de hindus indicam que, quando seus entes queridos estavam em situações de risco de vida, como durante uma doença grave ou quando afligidos por espíritos malignos, eles procuravam líderes espirituais cristãos para obter ajuda. Os hindus testificaram que, na maioria dos casos, aceitaram Jesus Cristo como resultado de Suas respostas às suas orações. Para um hindu, é importante seguir a Deus quando Ele responde às orações. A Bíblia ensina que os seguidores de Jesus são chamados a ministrar aos hindus, independentemente de sua decisão de segui-Lo ou não.

Isso significa que as orações pessoais por colegas de trabalho, vizinhos ou amigos hindus devem ser genuínas. A oração intercessora pelos hindus também é incentivada. Muitos hindus estão presos a Satanás. Se eles tiverem um membro da família doente, ofereça-se para orar com eles ou convide seu pastor, com a permissão deles, para orar em suas casas. Observe que, se você for convidado a orar por um hindu em sua casa, é altamente recomendável que você tire os sapatos antes da oração, ou mesmo antes de entrar na casa. Outra maneira de testemunhar aos hindus é orar por sua libertação dos espíritos malignos, pois isso abre a porta para o diálogo com eles sobre o poder de Deus, um poder que não é encontrado no hinduísmo. Os hindus são atraídos por essa maneira simples e poderosa de remover espíritos malignos.

Os hindus acreditam que os sonhos são um meio significativo de entender o destino, o futuro, os problemas atuais, os mistérios da vida e a interferência de espíritos malignos. Os hindus têm muitas maneiras de decifrar sonhos, dependendo das várias tradições hindus. No entanto, todos os hindus procuram líderes religiosos para orientação sobre seus sonhos, e eles geralmente oram para que Deus lhes dê sonhos.

Apelo

Fico muito feliz que Jesus ame os 1,2 bilhão de hindus no mundo. Deus está chamando nossos jovens para compartilhar Seu amor com o povo hindu. O mandato dado à Igreja Adventista é compartilhar as “boas-novas” com todo o mundo, incluindo os hindus. Ellen White, em seus escritos, nos desafiou a atravessar barreiras culturais e a linguísticas para alcançar aqueles que estão famintos pela “verdade”. Podemos começar pela oração. Convidamos você a se inscrever no site do Centro de Missão Global para Religiões do Sul da Ásia (gmcsar.org) para obter uma cópia do guia anual de oração. Em seguida, construir confiança por meio da amizade. Demonstrar simpatia e ajudá-los com suas

necessidades são bons próximos passos. Por meio da conexão social e espiritual, a porta pode ser aberta para os jovens adventistas compartilharem sua fé com os 1,2 bilhão de hindus no mundo.

Oração:

Pai Celestial,

Agradecemos pela rica cultura e tradições de nossos irmãos e irmãs hindus e pela oportunidade de compartilhar Seu amor com eles. Guie-nos para abordá-los com humildade, respeito e compaixão genuína. Que nossas palavras e ações reflitam Sua graça, e que Seu Espírito Santo prepare seus corações para receber a esperança que temos em Jesus Cristo. Ajude-nos a construir pontes de compreensão e confiança, para que Seu amor chegue a todos os cantos do mundo.

Em nome de Jesus, amém.

Perguntas para discussão:

1. Como podemos compartilhar nossa fé com os hindus de uma forma que reflita gentileza e respeito, conforme ensinado em 1 Pedro 3:15?
2. Como a construção de confiança e de relacionamentos com os hindus pode criar oportunidades para compartilhar o evangelho?
3. Que valores comuns entre o adventismo e o hinduísmo podem nos ajudar a compartilhar a esperança de salvação com os hindus?

Sua cidade, sua missão

“Vocês não sabem que são santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês?”

1 Coríntios 3:16

Um missionário na Europa escreve esta experiência de vida que teve aos 16 anos. Ele diz: “Embora eu tenha nascido em uma família quase adventista (meu pai foi batizado quando eu tinha 9 anos, mas sempre respeitou que minha mãe nos levasse à igreja), tive uma adolescência um tanto desorientada. O desejo de explorar coisas novas e a rebeldia inerente à juventude me levaram a me afastar um pouco de Deus e da igreja. Lembro-me de um dia da minha adolescência em que passei a noite na casa de um amigo com outro amigo. Enquanto estávamos lá, encontramos algumas garrafas escondidas que seu avô guardava em casa, sem saber o que fazer com elas, pois haviam sido dadas a ele por clientes. É provável que não tenhamos feito o melhor uso delas. Perdemos o controle e, sem entrar em detalhes, acabei passando a noite na delegacia. Depois de algumas horas, eles me pediram para ligar para meus pais porque eu era menor de 18 anos. O que mais me assustou não foi a polícia, mas como meus pais reagiriam. Minha mãe não é particularmente dura, mas é uma mulher de seu tempo, nascida na Espanha em 1949, quando as coisas só eram explicadas uma vez. Se não entendesse, você estava em apuros. Eu estava com medo de fazer essa aquela ligação. Naquela mesma ligação, você podia sentir a humilhação

e a vergonha de um lado do telefone e o choque e a descrença do outro. Sim, aos 16 anos, eu ligava para meus pais às 5 da manhã para que eles me buscassem na delegacia. Três pessoas vieram me buscar: meu irmão mais velho (que eu admirava em quase tudo... sem desmerecer meus outros dois irmãos mais velhos), que me olhou incrédulo. Meu pai, com a mesma reação do meu irmão. E minha mãe, com uma expressão indecifrável. Não vou mentir, fechei os olhos, esperando o maior tapa da minha vida; resetei meu corpo e preendi a respiração, pronto para levar o golpe.”

Sua história me faz refletir sobre algumas coisas. Qual é a nossa percepção de Deus? Que imagem de Deus as pessoas seculares da cidade têm? A igreja ainda hoje é o agente de Deus que faz com que Seu amor seja sentido na sociedade? Estamos abraçando aqueles que precisam de restauração? Será que somente aqueles que compartilham sua fé têm direito ao abraço de Deus?

Junte-se a mim em uma viagem pela Bíblia, onde descobriremos o propósito da igreja para a cidade.

1. Qual é a natureza e o propósito do templo na Bíblia?

- A.** Êxodo 25:8, “E farão para mim um santuário, para que eu possa habitar no meio deles.”: O santuário era uma réplica do modelo mostrado a Moisés. Serviu pedagogicamente para que os seguidores de Deus pudessem entender o plano projetado para acabar com o sofrimento e a injustiça e criar um mundo onde os humanos pudessem viver em um estado de felicidade duradoura. No entanto, o propósito mais importante dado por Deus foi que ELE QUERIA HABITAR COM OS SEUS. Deus queria morar com Seu povo. Não é incrível? Basicamente, Deus estava Se mudando para o bairro. A Shekinah (presença de Deus) habitava no Tabernáculo.
- B.** Mateus 1:23, “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel. (‘Emanuel’ significa: ‘Deus conosco’).”: Um dos textos mais usados durante o período de Natal. Mas preste mais atenção ao significado literal do nome: “Deus conosco”. O nascimento de Jesus, a chegada do VERBO, Deus feito homem, recebe um título que se alinha com o propósito do Antigo Testamento: Deus quer estar conosco (João 1:14).
- C.** João 2:19-21, “Jesus lhes respondeu: — Destruam este santuário, e em três dias eu o levantarei. Os judeus responderam: — Este santuário foi edificado em quarenta e seis anos, e você quer levantá-lo em três dias? Ele, porém, se referia ao santuário do seu corpo.”: Você provavelmente já ouviu esses versículos muitas vezes. Pense por alguns momentos sobre a linha que estamos seguindo. O que era o

templo no Antigo Testamento? O que era o templo quando Jesus morava entre nós? Algum edifício que possa conter a presença de Deus é melhor do que Jesus de Nazaré? (Colossenses 2:9)

D. 1 Coríntios 3:16, “Vocês não sabem que são santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês?” e 1 Coríntios 6:19, “Será que vocês não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo, que está em vocês e que vocês receberam de Deus, e que vocês não pertencem a vocês mesmos?”: Paulo fala após a ascensão de Jesus. Isso nos deixa um pouco confusos. Onde está o templo, onde habita a presença de Deus? Não fazia mais sentido retornar ao sistema do Antigo Testamento. Jesus não poderia mais ser o templo, pois agora está no Céu. Sim, querido amigo, hoje, o templo é você. Com seus defeitos e virtudes, fraquezas e forças, Deus quer viver em seu coração e, por isso, toda a nossa vida deve ser digna disso.

Algumas lições a serem tiradas:

1. Deus sempre toma a iniciativa.
2. Deus sempre Se aproxima da humanidade: o Tabernáculo, Jesus entre nós, e agora nossos corpos. Não há lugar mais próximo onde Deus possa vir para estar ao seu lado. É por isso que Paulo nos lembra em Atos 17:27 que Ele não está longe de nós.
3. Os “templos” não podem conter Deus (Atos 17:24). As pedras não podem encerrar Deus. Sua presença não está em nossos edifícios da igreja, mas na igreja — nas pessoas que a compõem.
4. Deus é dinâmico, sempre buscando resgatar a ovelha perdida, a moeda e o filho.
5. Deus está sempre presente, ao lado do ser humano.

** Para reflexão: **

1. Sabemos que, a partir de Jesus, os edifícios têm uma utilidade específica, mas o verdadeiro templo somos nós (Mateus 18:20). Que igreja devo continuar construindo para cumprir o propósito de Deus?
2. Como posso abraçar as pessoas da cidade hoje, na universidade, da mesma forma que Deus me abraça?
3. Você sabe como a história termina? Jesus torna-Se novamente o Templo. A presença infinita de Deus habitando eternamente entre nós (Apocalipse 21:22).

2. Qual é a natureza e o propósito da igreja na Bíblia?

A igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e sua missão é levar o evangelho ao mundo” (Atos dos Apóstolos, p. 9).

Que implicações essa citação tem para você? Qual é o papel da igreja? O termo grego para “igreja” geralmente implica “uma comunidade de pessoas voltadas para o exterior”.

Muitas vezes, quando pensamos na igreja, o fazemos de forma abstrata. Às vezes pensamos na igreja local, no prédio, na organização, etc. As pessoas seculares veem todas essas imagens da igreja, mas de um ponto de vista negativo: elas veem hierarquia, opressão, abuso de poder, injustiça e frieza. Outras pensam que não precisamos de religião ou igreja, pois podemos sobreviver individualmente. O que podemos fazer como igreja para dar a eles uma visão diferente? Uma visão de salvação, serviço e Boas-Novas.

Vamos seguir um processo de análise da igreja. Proponho o seguinte esboço:

- O que é a igreja? Aspecto/essência
- Como é a igreja? Método
- Por que a igreja? Propósito

O que é a igreja? Embora tenhamos acabado de discutir isso, se você perguntar a cada membro de nossa igreja o que é a igreja, ficará surpreso com quantas respostas diferentes encontrará. Estes são alguns dos exemplos que encontrei:

- O edifício físico, com suas partes sagradas e menos sagradas - A denominação (o corpo doutrinário)
- A instituição (como organização: associação, união, divisão, etc.)
- O indivíduo: cada um desenvolve sua própria maneira de se relacionar com Deus. Você pode ter mais exemplos.

Na Europa, por exemplo, pensar na igreja como um edifício apresenta certos problemas. Milhares de edifícios de igrejas estão sendo abandonados, vendidos e reaproveitados para outros usos, ou mesmo demolidos. Se pensarmos em edifícios, há menos igrejas agora do que antes. Em um edifício, as pessoas podem mudar, mas a igreja permanece. Isso não é estranho? Imagine uma igreja sem prédio. Sobre que base ela seria construída? Não me interpretem mal, não estou dizendo que devemos demolir edifícios. Eles são muito úteis e necessários. O que

estou tentando dizer é que a igreja vai além de tudo o que foi mencionado. A pandemia da COVID-19 nos ensinou que a igreja é feita de pessoas. A igreja é você. A igreja sou eu. Durante a pandemia, cada pessoa estava em sua casa, mas a igreja lutou e, em alguns casos, ainda está tentando se manter unida, apesar dos obstáculos. Sim, durante esse tempo, provamos que a igreja era o povo – nós, não os edifícios. Portanto:

- A igreja são as pessoas, não os edifícios.
- A igreja é sobre discípulos, não sobre programas.
- A igreja não é uma entidade abstrata; é um corpo vivo, uma comunidade de pessoas.

Antes de começar qualquer empreendimento, a primeira pergunta que devemos fazer é: “Por que a igreja deveria existir?”

Pegue a Bíblia e vamos começar outra jornada para encontrar o propósito do povo de Deus: - A importância de ser criado à Sua imagem:

A. Êxodo 7:1: Qual foi o papel que Moisés desempenhou diante do Faraó? E Arão? Biblicamente, temos um exemplo do povo de Deus como a imagem para aqueles que não O conhecem.

B. 2 Coríntios 3:2, 3: Somos as cartas de apresentação de Deus à sociedade. Somos a Bíblia que as pessoas seculares lerão. Nossas ações serão as páginas que eles verão antes de começarem a descobrir Jesus. Isso se alinha com o que discutimos ontem: que eles veem Jesus em mim.

C. 1 Pedro 2:9: Você está muito familiarizado com este texto e suas implicações. Todos nós, independentemente de nossa condição, somos sacerdotes.

D. Êxodo 19:6: Talvez você não estivesse tão familiarizado com este texto. Analise ambos e observe o que eles têm em comum. Estamos comparando o Antigo Testamento com o Novo Testamento. E ainda assim, Deus não muda.

****Para reflexão:****

1. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, o povo de Deus é uma “nação” de sacerdotes. No nosso tempo, o Sumo Sacerdote é Jesus, a quem tudo é apontado. - O sacerdote é o mediador entre Deus e a humanidade. - Seu papel não é representar a humanidade, mas sim a divindade.

2. As pessoas são um reflexo de Deus. Somos um exemplo do que significa ser um ser humano restaurado à imagem de Deus.

3. Somos um corpo unido e vivo (1 Coríntios 12). Voltemos à citação: “A igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e sua missão é levar o Evangelho ao mundo” (Atos dos Apóstolos, p. 9).

4. Portanto, a igreja:

- a.** É um meio de salvação, pois leva as pessoas a Jesus.
- b.** É um propósito de serviço
- c.** Está em uma missão para proclamar as boas-novas. Jesus oferece mais do que você pode imaginar! O que é a igreja de Deus, então? Deixo a vocês esta resposta em oração, para que Deus os ilumine. O Evangelho deve ser relevante para todas as gerações porque as boas-novas são eternas.
- d.** É um grupo de pessoas que levam a presença transformadora de Deus aonde quer que vão.

Lembra da história da minha mãe? Enquanto ela se aproximava, eu esperava o pior. No entanto, o que senti foi um abraço. O abraço daquela mulher de 1,50 metro que me viu nascer e que poderia facilmente ter me derrubado. Um abraço forte e longo, acompanhado de lágrimas e sofrimento. Mas acima de tudo, com uma dose infinita de amor. Querido amigo, posso dizer que senti o abraço da minha mãe. Mas, no meu estado, longe desse Deus que tanto me ama, senti que era o abraço de Deus. Naquele abraço, também senti Deus me dizendo: “Tudo ficará bem. Você está perdoado”.

Oração:

Pai Celestial,

Obrigado por Seu amor e pelo lembrete de que o Senhor deseja habitar conosco. Ajude-nos a ser templos vivos do Seu Espírito, refletindo Sua graça e estendendo Seu amor às pessoas ao nosso redor.

Que possamos servir, amar e compartilhar Suas boas-novas, levando a Sua presença aonde quer que formos. Obrigado por nos perdoar e por nos chamar para fazer parte de Sua missão.

Em nome de Jesus, oramos. Amém.

Questões para discussão:

- 1.** Quais são os elementos essenciais e universais da igreja bíblica e por quê?
- 2.** Como podemos alinhar ainda mais nossas igrejas para esse propósito?
- 3.** Você acha que as pessoas seculares estão desenvolvendo formas seculares de “igreja”?

Ame seu próximo judeu como a si mesmo!

“Porque ele é a nossa paz. De dois povos ele fez um só e, na sua carne, derrubou a parede de separação que estava no meio, a inimizade.”

Efébios 2:14

Introdução

De acordo com a Bíblia, “amor” é o princípio fundamental deste mundo criado por Deus. O apóstolo João afirma claramente:

“Quem não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor” (1 João 4:8).

O apóstolo Paulo acrescenta:

“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, isso de nada me adiantará” (1 Coríntios 13:1-3).

Ele conclui dizendo: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior deles é o amor” (1 Coríntios 13:13).

Amar a Deus acima de tudo e ao próximo como a nós mesmos é o maior mandamento da Bíblia, no qual tudo o mais se baseia (Mateus 22:37-40).

Como adventistas do sétimo dia, somos chamados e ordenados por Deus a amar a todos ao nosso redor como Deus Pai os ama e como Jesus os ama, lembrando que “[...] Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16). Esse amor se estende a todos: bons e maus, ricos e pobres, educados e incultos, agradáveis e desagradáveis. Jesus também ordena: “Eu lhes dou um novo mandamento: que vocês amem uns aos outros. Assim como eu os amei, que também vocês amem uns aos outros” (João 13:34).

Esse mandamento de amar os outros como Jesus nos amou torna-se particularmente relevante quando se considera o povo judeu e suas experiências históricas com o cristianismo. Muitas vezes, quando os cristãos pensam no povo judeu, eles nutrem atitudes negativas, que podem se manifestar como antipatia, indiferença, nojo e até ódio, levando à agressão e à violência. Isso tem acontecido desde a Idade Média, por meio da expulsão e do assassinato de judeus em cidades cristãs europeias, dos tribunais da Inquisição e culminando no Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial, na qual seis milhões de judeus foram exterminados

pelo regime nazista. De forma alarmante, um ódio semelhante contra o povo judeu está ressurgindo globalmente, com ataques e assassinatos acontecendo simplesmente porque alguém é judeu.

Alguns justificam esse ódio alegando que “eles mataram Jesus”, não reconhecendo que nenhum judeu hoje participou da crucificação de Jesus, um evento que ocorreu há mais de dois mil anos. Além disso, aqueles que usam essa justificativa esquecem que Jesus, vítima desse ato hediondo, perdoou seus perpetradores: “Mas Jesus dizia: — Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34). Se Jesus perdoou, quem somos nós para acusar e buscar vingança contra os judeus de hoje, que não estavam envolvidos e não tiveram parte na morte de Jesus?

Alguns citam a afirmação: “Que o sangue dele caia sobre nós e sobre os nossos filhos!” (Mateus 27:25) para justificar bíblicamente o ódio contra os judeus, afirmando que Deus rejeitou o povo judeu e os sujeitou à ira divina. No entanto, Deus realmente reagiu dessa maneira?

O apóstolo Paulo aborda isso em sua carta aos Romanos, afirmando: “Então eu pergunto: será que Deus rejeitou o seu povo? De modo nenhum! Porque eu também sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim. Deus não rejeitou o Seu povo, a quem de antemão conheceu” (Romanos 11:1, 2).

“Quanto ao evangelho, eles [os judeus] são inimigos por causa de vocês; mas quanto à eleição, amados por causa dos patriarcas; porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis.” (Romanos 11:28, 29)

Como adventistas do sétimo dia e crentes na Bíblia, reconhecemos que toda a humanidade é culpada da morte de Jesus, pois Ele morreu na cruz pelos pecados de todos, incluindo os nossos. Ele carregou nossa culpa para que nós — isto é, você, eu e todos os outros — possamos ser perdoados (Isaías 53).

Ellen G. White, em seu livro Atos dos Apóstolos (capítulo 35: “A Salvação Para os Judeus”), tinha isto a dizer:

“Muito embora houvesse Israel rejeitado Seu Filho, Deus não os rejeitou. Notai como Paulo continua a argumentar: “Digo pois: Porventura rejeitou Deus o Seu povo? De modo nenhum; porque também eu sou israelita da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim. Deus não

rejeitou o Seu povo, que antes conheceu” (Atos dos Apóstolos, p. 195).

“Muito embora a tremenda sentença pronunciada sobre os judeus como nação ao tempo da rejeição de Jesus de Nazaré, por parte deles, tem havido de século em século muitos judeus nobres, homens e mulheres, tementes a Deus, os quais têm sofrido em silêncio. Deus tem confortado seus corações em aflição, e tem contemplado com piedade sua terrível situação. Tem ouvido as agonizantes orações dos que de todo o coração O têm buscado para uma justa compreensão de Sua palavra” (Atos dos Apóstolos, p. 197).

Olhando para o futuro, ela declara:

“Na proclamação final do evangelho, quando deve ser feito um trabalho especial pelas classes de pessoas até aqui negligenciadas, Deus espera que Seus mensageiros tomem interesse especial pelo povo judeu, o qual eles encontram em todas as partes da Terra. Ao serem as Escrituras do Antigo Testamento amalgamadas com o Novo numa explanação do eterno propósito de Jeová, isto será para muitos judeus como o raiar de uma nova criação, a ressurreição da alma” (Atos dos Apóstolos, p. 198).

“Quando este evangelho for apresentado em sua plenitude aos judeus, muitos aceitarão a Cristo como o Messias. Entre os ministros cristãos, há poucos que se sentem chamados a trabalhar pelo povo judeu; mas aos que têm sido passados por alto, bem como a todos os outros, deve chegar a mensagem de misericórdia e esperança em Cristo” (Atos dos Apóstolos, p. 198).

Para cumprir as expectativas de Deus para Sua Igreja em relação ao povo judeu hoje, comece fazendo amizade com eles com uma atitude amorosa e sincera, para que eles possam ver em você o verdadeiro amor de Deus e de Jesus por cada ser humano.

Identifique-se como adventista do sétimo dia, não apenas como cristão. Muitos judeus têm uma compreensão limitada do cristianismo e ainda menos familiaridade com os adventistas do sétimo dia. Quando ouvem que você é cristão, podem presumir que você é católico, protestante ou ortodoxo, sem uma compreensão clara do que significa ser adventista do sétimo dia. Esse equívoco comum pode abrir caminho para conversas sobre as crenças e práticas que compartilhamos com o judaísmo, como observar o sábado, aderir a uma dieta bíblica e valorizar os ensinamentos da Bíblia hebraica, que contribuem para uma vida mais saudável e mais longa. Você também pode destacar que algumas regiões adventistas densamente povoadas são reconhecidas como “Zonas Azuis” – áreas onde as pessoas vivem vidas significativamente mais longas e saudáveis do que a maioria de suas contrapartes globais, muitas vezes atingindo 100 anos de idade ou mais com uma alta qualidade de vida. Uma dessas zonas, Loma Linda, é apresentada em uma série de vídeos sobre as Zonas Azuis.

Finalmente, deixe suas palavras serem uma fonte de vida e bênção para seu amigo ou vizinho judeu. Evite acusações ou piadas duras baseadas em preconceitos e estereótipos. Seja um canal para as Palavras de Vida de Deus e de Jesus, ajudando-os a encontrar a paz e o amor do trono de Deus, cumprindo a promessa de uma vida plena pelo Messias de Israel: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (João 10:10).

Assim, vamos realmente “amar nosso próximo judeu como a nós mesmos”!

Oração:

Querido Pai Celestial,

Obrigado por Seu amor que não conhece fronteiras. Ajude-nos a amar nossos próximos judeus como o Senhor ordenou, mostrando respeito, bondade e compreensão. Que possamos ser embaixadores do Seu amor, trazendo cura onde há divisão e estendendo graça onde há mal-entendidos. Guie-nos para refletir o amor de Cristo em tudo o que fazemos, promovendo relacionamentos baseados na compaixão e na paz. Em nome de Jesus, amém.

Perguntas para discussão:

1. O que significa para Cristo “derrubar a parede de separação que estava no meio” em nossos relacionamentos com os outros, particularmente aqueles de diferentes religiões ou culturas? Como podemos incorporar ativamente esse princípio em nossa vida diária?
2. Considerando os desafios históricos e presentes nos relacionamentos cristão-judaicos, como podemos, como adventistas do sétimo dia, demonstrar efetivamente o amor de Cristo e construir pontes de compreensão e respeito?
3. Como o mandamento de “amar o próximo como a si mesmo” nos desafia a reavaliar nossas atitudes, palavras e ações em relação àqueles que podem ter sido historicamente marginalizados ou incompreendidos, incluindo a comunidade judaica?

O plano de Deus para Ismael antes do fim dos tempos

“O seu território ficará coberto por uma multidão de camelos, os dromedários de Midiã e de Efa. Todos virão de Sabá; trarão ouro e incenso e publicarão os louvores do Senhor. Todas as ovelhas de Quedar se reunirão junto de você; os carneiros de Nebaiote a servirão; serão aceitos ao serem oferecidos sobre o Meu altar, e Eu tornarei mais glorioso o templo da Minha glória.”

Isaías 60:6, 7

Hoje, quero compartilhar com vocês uma bela profecia na Bíblia que a Igreja da Profecia pode ter perdido. Essa profecia é encontrada no capítulo 60 de Isaías, onde fala sobre a missão de Deus para todo o mundo. Já conhecemos esse capítulo que começa com esta afirmação: “Levante-se, resplandeça, porque já vem a sua luz, e a glória do Senhor está raiando sobre você. [...] As nações se encaminham para a sua luz [...]”. Geralmente paramos no versículo 5, mas os próximos dois versículos falam do plano de Deus para os filhos do Oriente. É isso que quero compartilhar com vocês hoje.

Isaías 60:6, 7

“O seu território ficará coberto por uma multidão de camelos, os dromedários de Midiã e Efa. Todos virão de Sabá; trarão ouro e incenso e publicarão os louvores do Senhor.”

“Todas as ovelhas de Quedar se reunirão junto de você; os carneiros de Nebaiote a servirão; serão aceitos ao serem oferecidos sobre o Meu altar, e Eu tornarei mais glorioso o templo da Minha glória.”

Surge a pergunta: por que não compreendemos o significado desses dois versículos? Os cinco nomes nesses dois versículos são vitais para a compreensão dos dois versículos. O versículo 6 tem três nomes: Midiã, Efa e Sabá. O versículo 7 tem dois nomes: Quedar e Nebaiote. A questão é: quem são essas cinco pessoas?

Para responder à pergunta sobre quem são essas pessoas, precisamos fazer duas outras perguntas. A primeira é: “Quantas esposas Abraão teve?” Agora, em sua mente, você já está pensando na resposta. Duas! Quais eram os nomes das esposas? Sara e Agar, certo?

A segunda pergunta é: “Quantos filhos Abraão teve?” Eu sei que você já está pensando na resposta. Dois! Quais eram seus nomes? De Sara, Isaque. De Agar, Ismael. Para entender melhor, vamos nos aprofundar em Gênesis 25 para obter a resposta a essas perguntas e aos cinco nomes em Isaías 60.

Quem eram Midiã, Efa e Sabá? Gênesis 25:2 afirma: “Ela lhe deu à luz Zinrã, Jocsã, Medã, Midiã, Isbaque e Sua.”

Isso se refere aos próprios filhos de Abraão com Quetura. Abraão teve três esposas e Abraão teve oito filhos. Midiã era filho de Abraão e Jocsã era outro filho.

Vamos descobrir quem era Sabá e quem era Efa, mencionados em Isaías 60? Em Gênesis 25:3, 4, lemos o seguinte.

25:3 “Jocsã gerou Sabá e Dedã [...]”

25:4 “Os filhos de Midiã foram Efa, Éfer, Enoque, Abida e Elda.”

Midiã, Efa e Sabá, mencionados em Isaías 60:6 são os filhos de Quetura? Quando foi a última vez que você ouviu um sermão sobre a terceira esposa de Abraão, Quetura?

Agora, o que dizer de Quedar e Nebaiote em Isaías 60:7? Diz:

“Todos os rebanhos de Quedar se reunirão junto de você, e os carneiros de Nebaiote a servirão[...]” (NVI).

Vejamos Gênesis 25:13,

“Estes são os nomes dos filhos de Ismael, por ordem de nascimento: de Ismael foi Nebaiote; depois, Quedar [...]”.

Nebaiote e Quedar são netos de Abraão por meio de Ismael. Esses são os descendentes de Agar. Quando foi a última vez que você ouviu um sermão sobre Agar em sua igreja?

Você está surpreso com o que está acontecendo aqui? Isaque era o filho da promessa de Abraão. Mas estes são os descendentes de Abraão por meio de Agar e Quetura.

Aqui está outra pergunta? Agar era esposa de Abraão?

“Então Sarai, mulher de Abrão, tomou Agar, sua serva egípcia, e a deu por mulher a Abrão, seu marido, depois que ele já estava morando durante dez anos na terra de Canã” (Gênesis 16:3). A Bíblia afirma claramente que Agar foi dada a Abrão não como uma “esposa” em um sentido legal completo, mas como uma concubina para dar à luz um filho, uma ação que mostrou a falta de fé de Sara na promessa de Deus.

Deus havia prometido uma bênção especial a Abraão encontrada em Gênesis 12:3:

Abençoarei aqueles que o abençoarem e amaldiçoarei aquele que o amaldiçoar. Em você serão benditas todas as famílias da terra.”

Embora Isaque fosse o filho prometido de Abraão que cumpriria o plano universal de Deus e a aliança eterna, os outros filhos de Abraão também receberiam as bênçãos de Deus. Deus estava planejando abençoar todas as famílias da Terra e, certamente, abençoaria os próprios descendentes de Abraão também.

Abraão havia enviado os filhos de Agar e Quetura para o Oriente. Vemos isso em Gênesis 25:6 (Leia). É por isso que, na Bíblia, eles são chamados de Povo do Oriente. Também conhecemos a história de como Sara e Abraão expulsaram Agar e seu filho Ismael, mas 1.300 anos depois, Isaías 60 versículo 6 nos diz que os filhos de Quetura (Midiã, Efa, Sabá) estão chegando. E Isaías 60:7 está nos dizendo que os descendentes de Agar (Quedar e Nebaiote) também estão vindo. Assim, embora tenham sido expulsos da casa e da presença de Abraão, eles nunca foram expulsos da presença de Deus. Deus está profetizando que um dia, os filhos de Quetura e Agar voltarão à terra de Israel e à Casa de Deus.

Jesus também compartilhou o plano de Deus em Mateus 24:14:

E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (NVI).

O maior desejo de Deus é que a mensagem, como diz em Apocalipse 14:6, alcance todas as tribos, línguas e povos. Esse plano também inclui os descendentes de Abraão, especialmente aqueles que não são descendentes de Isaque.

No Antigo Testamento, após a morte de Abraão, notamos que os descendentes de Sara foram chamados de Filhos de Israel, e os filhos de Agar e Quetura, por terem sido enviados para o Oriente, foram chamados de “Povo do Oriente” ou “Filhos do Oriente”. Embora Deus tivesse um plano cósmico e universal de salvação a ser cumprido (e realizado) por meio de Isaque e seus descendentes, Deus também tinha um plano para o “Povo do Oriente”.

Sabemos que os descendentes de Isaque eram conhecidos por suas doze tribos. Quantas tribos havia para Ismael? Isto é o que lemos em Gênesis 25:13-16:

- 25:13 E estes são os nomes dos filhos de Ismael, por ordem de nascimento: o primogênito de Ismael foi Nebaiote; depois, Quedar, Adbeel, Mibsão,
- 25:14 Misma, Dumá, Massá,
- 25:15 Hadade, Tema, Jetur, Nafis e Quedemá.
- 25:16 Estes são os filhos de Ismael e estes são os seus nomes [...].

Então você deve estar dizendo que isso é bom, mas como é que os filhos de Ismael (ou mais conhecidos como os filhos do Oriente) deveriam cooperar com os filhos de Isaque no grande plano de Deus?

Na linhagem de Isaque, Jacó teve um filho chamado José, de quem seus irmãos não gostavam e a quem planejavam matar. Lemos em Gênesis 37:24-28 o seguinte:

[...] e o jogaram na cisterna. A cisterna estava vazia, sem água. Depois sentaram-se para comer. Levantando os olhos, viram que uma caravana de ismaelitas vinha de Gileade. Seus camelos traziam especiarias, bálsamo e mirra, que levavam para o Egito. Então Judá disse aos irmãos: — O que vamos ganhar se matarmos o nosso irmão e depois escondermos a sua morte? Venham, vamos vendê-lo aos ismaelitas. Não lhe façamos mal, pois é nosso irmão, é do nosso sangue. Seus irmãos concordaram. E quando os mercadores midianitas passaram, os irmãos de José o tiraram da cisterna e o venderam aos ismaelitas por vinte moedas de prata. E os ismaelitas levaram José para o Egito.”

Ismaelitas e midianitas salvaram a vida de José ao cooperarem no plano de Deus para preservar a vida dos israelitas no futuro.

Mais tarde, outro descendente de Isaque, chamado Moisés, teve que fugir do Faraó no Egito. Moisés havia matado um egípcio, algo que o Faraó ouviu falar, e por isso queria matá-lo. Lemos em Êxodo:

– 2:15 Informado desse caso, Faraó quis matar Moisés; porém Moisés fugiu da presença de Faraó e foi morar na terra de Midiã. Chegando lá, sentou-se junto a um poço.

Moisés fugiu para Midiã. Midiã era filho de Abraão, cujos descendentes agora salvaram a vida de Moisés. Eles cooperaram no grande plano de Deus para preservar a vida de um futuro grande líder dos filhos de Israel e tornar possível o maior e mais dramático êxodo que já ocorreu na face da Terra.

Moisés ficou na casa do sacerdote de Midiã, que também era seu sogro, Jetro. Moisés também aprendeu sobre a história da amizade de Deus com Jó. Em Jó 1, lemos:

– 1:1 Havia um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó. Este homem era íntegro e reto, temia a Deus e se desviava do mal.

– 1:3 Tinha sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas. Também tinha muitíssima gente a seu serviço, de maneira que este homem era o maior de todos os do Oriente.

Jó era do “Povo do Oriente”.

Mais tarde, Jetro, do “Povo do Oriente”, ensinou a grande lição de Administração em Êxodo 18.

Escute agora o que vou dizer. Eu o aconselharei, e que Deus esteja com você [...]”.
Procure entre o povo homens capazes, tementes a Deus, homens que amam a verdade e odeiam a corrupção. Coloque-os como chefes do povo: chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez”.

Esta é a história que vemos no Antigo Testamento dos Filhos de Israel de um lado. Eles eram descendentes de Isaque. Também vemos as histórias no Antigo Testamento dos “Filhos do Oriente”. Eles eram descendentes de Ismael e Midiã.

Quando chegamos ao Novo Testamento, é isso que lemos em Mateus:

– 2:1 “Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, nos dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém.”

– 2:2 “E perguntavam: — Onde está o recém-nascido Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo.”

Quem veio ao nascimento de Jesus? Os filhos do Oriente. Os filhos de Israel vieram? Não. Os anjos tiveram que dizer aos pastores para irem. Os filhos de Israel tinham centenas de profecias sobre a vinda do Messias no Antigo Testamento, mas nunca chegaram ao nascimento de Jesus. No entanto, os filhos do Oriente chegaram. Isso foi em cumprimento de uma profecia em Isaías:

– 60:6 “O seu território ficará coberto por uma multidão de camelos, os dromedários de Midiã e de Efa. Todos virão de Sabá; trarão ouro e incenso, e publicarão os louvores do Senhor.”

Essa profecia foi cumprida na primeira vinda de Jesus. A multidão de camelos veio de Midiã, Efa e Sabá, no Oriente. Eles trouxeram ouro, incenso e proclamaram os louvores do Senhor. Cada palavra desta profecia foi cumprida na primeira vinda de Jesus. Mas outra parte da profecia ainda não foi cumprida.

– 60:7 “Todas as ovelhas de Quedar se reunirão junto de você; os carneiros de Nebaiote a servirão; serão aceitos ao serem oferecidos sobre o meu altar, e eu tornarei mais glorioso o templo da minha glória.”

Quem são Quedar e Nebaiote? Esses são os filhos de Ismael? O texto afirma claramente que os filhos de Ismael virão com suas ofertas ao altar de Deus. Eles trarão suas ofertas à Casa de Deus. Essa profecia não foi cumprida. Quando será cumprida? Cumprir-se-á antes da Segunda Vinda de Jesus. Temos um papel a desempenhar.

Onde fica a casa de Deus? Em Jerusalém? Ou é a igreja de Deus que guarda o sábado? Temos um papel a desempenhar para que eles entrem.

Deus se alegra em ver todos salvos em Seu Reino. Estamos prontos para deixá-los entrar? Vamos tornar essa visão e esse sonho de Deus uma realidade? Vimos que os filhos do Oriente estavam dispostos a cooperar no plano universal de Deus. Você e eu estamos dispostos a cooperar com Deus para alcançar as pessoas a quem Ele ama?

Vamos avançar com o zelo de Deus para tornar esse sonho uma realidade. João 3:16 "Porque Deus amou o mundo de tal maneira [...]". Ele amou o mundo, não apenas o povo judeu, nem apenas os cristãos para serem salvos, mas qualquer pessoa que ouvir o evangelho e crer em Jesus como Salvador.

Meus amigos, no clímax universal final, próximo ao fim deste mundo e antes da vinda do nosso Senhor, os versículos de Isaías nos dão um vislumbre da glória do templo de Deus. É claro que o templo de Deus significa a Igreja de Deus. Deus tem uma visão para a adoração final antes da vinda de Jesus.

Quem são os filhos de Ismael hoje?

"Todas as ovelhas de Quedar se reunirão junto de você; os carneiros de Nebaiote a servirão; serão aceitos ao serem oferecidos sobre o meu altar, e eu tornarei mais glorioso o templo da minha glória." Isaías 60:7

Está claro que, quando os filhos de Ismael entrarem na Casa de Deus, então Deus glorificará Sua Igreja. Quando a Igreja começar a realizar esse ministério aos descendentes de Ismael, Deus se alegrará e abençoará Sua Igreja, e Sua obra será concluída.

Você desempenhará um papel essencial nesse ministério para o povo de Ismael? Amém!

Oração:

Nosso querido e amoroso Deus,

Somos gratos porque Tu és um Deus de amor. Somos gratos porque amas as pessoas do Oriente e do Ocidente. Somos gratos porque amas o mundo inteiro. Nesta profecia em Isaías 60:7, podemos ver claramente que os filhos de Ismael virão. Como ainda não vieram em grande número, acreditamos que este versículo será cumprido no futuro, mas antes da Segunda Vinda de Jesus. Ao vermos que o mundo está chegando a um clímax final, sabemos que esse cumprimento não está distante. Ajuda-nos a estar dispostos a recebê-los em Tua casa, e que Tu abençoes Tua casa e completes Tua obra. Em Teu Nome oramos, amém.

Perguntas para discussão:

- 1.** Como a profecia em Isaías 60:6, 7 destaca o plano inclusivo de salvação de Deus para todas as pessoas, incluindo os descendentes de Ismael? Reflita sobre a importância dos "Filhos do Oriente" na missão universal de Deus e como isso impacta nossos esforços de evangelismo hoje.
- 2.** Que lições podemos aprender com a cooperação dos ismaelitas e midianitas na preservação do plano de Deus, como visto nas histórias de José e Moisés? Como esses exemplos podem inspirar a unidade entre diferentes grupos nos dias de hoje para cumprir a missão de Deus?
- 3.** De que maneiras práticas a igreja hoje pode alcançar os descendentes de Ismael (ou populações muçulmanas) para cumprir essa profecia? Quais barreiras precisam ser superadas e qual é o papel da compreensão e do respeito nessa missão?

Uma comunidade transformada

“Portanto, irmãos, pelas misericórdias de Deus, peço que ofereçam o seu corpo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Este é o culto racional de vocês. E não vivam conforme os padrões deste mundo, mas deixem que Deus os transforme pela renovação da mente, para que possam experimentar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”

Romanos 12:1, 2

Introdução

O que você está buscando? Como seria uma vida de “sucesso” para você?

Na cultura secular de consumo, o objetivo é a felicidade. Uma vida mais significativa está a apenas uma compra de distância. Você ficaria muito mais feliz se tivesse o modelo atualizado. O consumismo é uma busca interminável por mais. “Eu ficarei feliz quando...”

Nesta leitura, exploraremos alguns dos desafios da cultura consumista secular. Mais importante ainda, veremos como a comunidade bíblica, que vai contra a cultura dominante, é a resposta para as vidas individualizadas e superficiais que a cultura consumista tenta nos vender.

A cultura em que vivemos

Paulo escreve em Romanos que não devemos viver “conforme os padrões deste mundo”. Na cultura secular, esse padrão é moldado em torno do consumismo.

Se você tem acesso à internet, tem um smartphone ou uma televisão, então, a cada dia, verá mais de 3.000 anúncios dizendo que você precisa de mais do que já tem ou de algo diferente.

A cultura consumista secular nos diz o que devemos desejar, amar e em que devemos depositar nossa esperança. O consumismo não se trata tanto do quanto temos, mas sim de onde colocamos nossas esperanças e desejos. O consumismo molda nosso senso de identidade e personalidade.

O consumismo destrói a comunidade.

“Onde uma cultura pontua alto nas medições do consumismo, ela também pontua alto em solidão e disfunção. Relacionamentos com Deus, família, vizinhos e amigos exigem tempo, e na cultura consumista, onde o tempo é igual a dinheiro, os relacionamentos são sacrificados pela ilusão de “felicidade”.”

A cultura consumista secular é baseada na adoração do indivíduo; ela se concentra em atender às “necessidades” do indivíduo e enfraquece o “uns aos outros” das Escrituras e da comunidade relacional. Podemos até começar a tratar Deus e a igreja como produtos a serem consumidos. A igreja se torna um culto que eu assisto, em vez de uma comunidade na qual me envolvo. A principal medida torna-se “Eu gostei ou não?” A Bíblia se torna um livro de sugestões consumíveis, em vez de uma grande história do amor de Deus pela humanidade. Deus se torna uma máquina de venda automática de prosperidade cósmica para suprir nossas necessidades.

Em nossa cultura consumista secular, o consumismo tira a adoração de Deus e a coloca em produtos, celebridades e em nós mesmos. No consumismo, o cristianismo se torna apenas mais uma escolha de consumo, mais uma opção de estilo de vida.

Em Romanos 12, Paulo não estava escrevendo sobre o consumismo secular, mas estava falando sobre como os valores dominantes do império têm uma maneira de moldar quem somos. O consumismo é apenas uma expressão institucionalizada

moderna do mesmo egoísmo que sempre foi o problema. Como cristãos, somos chamados a viver com diferentes esperanças e desejos e lembrar que somos moldados para um propósito maior. Somos chamados a ser “sacrifícios vivos” que se concentram em adorar, servir, compartilhar, conectar e crescer como discípulos em vez de nos concentrarmos em nós mesmos.

Jesus falou muitas vezes sobre o desafio do consumismo. Claro, não havia todos os anúncios, marcas, cosméticos e revistas de moda, mas Ele explicou em Lucas 12 como as coisas têm uma maneira de tomar conta dos nossos corações e se tornarem nossos mestres. Ele falou sobre como podemos tão facilmente dar nosso coração à grade errada, nos definir pelo nosso “tesouro” e acabar servindo ao dinheiro.

Transformado versus Conformado

Paulo nos lembra em Romanos 12 que, em vez de sermos “conformados”, devemos ser “transformados” pela renovação da nossa mente. O que significa ser transformado em vez de conformado? Conformado está relacionado a uma maneira diferente de ser comunidade.

A maioria das respostas que buscam abordar o consumismo foca na educação, redução do consumo, cuidado com o meio ambiente e serviço. Embora essas respostas sejam excelentes, abordar o cerne do consumismo precisa ir além da educação e das escolhas de produtos. A resposta mais significativa é ser o “sacrifício vivo”.

A palavra traduzida como transformado em Romanos 12:2 é definida como mudado, transfigurado, convertido. É como observar uma lagarta se transformar em uma borboleta. Essa linda borboleta não se parece com a lagarta que ela já foi. A transformação é completa e dramática. Ser transformado é focar em Jesus. Requer obediência completa a Deus. É, então, aplicar esses ensinamentos em comunidades de contra o consumismo, oferecendo uma esperança, desejo, liberdade e identidade melhores.

O sábado e a comunidade transformada

Existe uma mensagem de esperança e transformação que podemos levar para essas comunidades? Já esperamos uma solução para uma cultura de consumismo? Pessoas em culturas que estão sempre “em movimento” podem se beneficiar da desaceleração. Talvez um dia inteiro por semana para se conectar com Deus e com os outros. Ou mesmo um dia inteiro por semana para fazer uma pausa nas compras e nos trabalhos habituais?

A celebração de um Deus relacional e a resistência ao consumismo podem ser incorporadas no sábado. O sábado é uma marca contra o consumismo. O sábado é um lembrete de que o tempo não é igual ao dinheiro. Em vez disso, podemos

recalibrar em torno dos propósitos maiores de crescer, servir, conectar, compartilhar e adorar. No sábado, fazemos uma pausa das mensagens consumistas da publicidade e das compras e, em vez disso, celebramos a comunidade relacional.

Imagine a alegria da quietude que isso traria para uma pessoa que está constantemente comprando. O sábado vai contra uma cultura de gratificação instantânea, contra uma cultura de produção sem fim. O sábado é sobre comunidade relacional. No sábado, nós nos desligamos do mundo para nos envolvermos em algo mais profundo.

Conexões intergeracionais, morte e comunidade

Outro fator que reduz o consumismo é o crescimento das conexões intergeracionais. Quando as crianças veem e interagem com os idosos, elas se tornam menos inclinadas ao pensamento impulsionado pelo consumismo.

A morte também desafia o consumismo. A morte é um lembrete daquilo a que você dedicou sua vida. A morte esclarece a vida... e elimina o fascínio superficial do consumismo. Como adventistas do sétimo dia, a ressurreição tem tudo a ver com comunidade para sempre. Não vamos para o Céu um por um – mas, na ressurreição, como parte de uma grande comunidade.

Então, onde você encontraria uma comunidade que celebra o sábado, onde jovens e idosos podem estar juntos?

E se houvesse um grupo de pessoas que tivesse os ingredientes para formar uma comunidade contracultural, uma que ajudasse os indivíduos a crescerem além do consumismo?

Daniel na Babilônia

A história bíblica de Daniel destaca como podemos viver e até prosperar na Babilônia – um império que simboliza a falsa adoração. Daniel propôs em seu coração que pertencia a um império mais significativo. Ele orava e buscava o apoio de amigos com valores semelhantes. Ele se recalibrava frequentemente em torno do propósito de Deus para ele (pelo menos formalmente três vezes ao dia). Ele lembrava que tudo, incluindo seu intelecto e a capacidade de interpretar sonhos, vinha de Deus e somente Deus era digno da glória suprema.

Quando começamos sabendo que existimos para a glória de Deus, vemos a vida e o mundo de maneira diferente.

Comunidade transformada é a resposta

Uma comunidade espiritual é o oposto do consumismo, pois o consumismo é individualizado. Embora as marcas tentem criar comunidade, relacionamentos amorosos genuínos não são facilmente transformados em produtos.

Uma comunidade relacional genuína é o oposto do consumismo.

Em Romanos 12, Paulo descreve a vida como sendo sobre:

- Adorar [versículos 1-3],
- Servir [versículos 3-8],
- Conectar [versículos 9-10],
- Crescer [versículos 11-12], e
- Compartilhar [versículos 14-21].

Adorar, servir, conectar, crescer e compartilhar são as razões pelas quais a igreja está no planeta. Todos esses fatores ajudam a moldar uma comunidade que é contracultural, desafiando as construções consumistas da cultura.

Essa visão pode se tornar realidade dentro de uma comunidade da igreja, que é o oposto do consumismo. “Comunidade relacional é a resposta.”

Dicas para viver além da cultura consumista:

- Pense sobre o que a publicidade diz a você e por que você pode escolher um produto específico.
- Eleve seu foco nas pessoas. Desacelere intencionalmente para passar tempo com sua família, comunidade da igreja e vizinhos.
- Aumente sua capacidade de servir em seu lar, na igreja e no mundo.
- Seja generoso com seu tempo, talentos e tesouros. A generosidade quebra o domínio do consumismo. Devolver o dízimo de 10% de sua renda é uma ótima maneira de se proteger contra a ganância do consumismo e ser lembrado de que sua conta bancária é para a glória de Deus.
- Celebre o sábado. O sábado é um marco contra o consumismo. O sábado me lembra que tempo não é igual a dinheiro. O sábado me lembra que existo para um propósito maior de crescer, servir, conectar, compartilhar e adorar. No sábado, faço uma pausa nas mensagens consumistas de publicidade e compras e, em vez disso, celebro a vida em seu melhor.
- Passe tempo com pessoas mais velhas que conhecem as histórias, mas muitas vezes são esquecidas.
- Passe tempo na natureza. Pessoas que passam tempo na natureza geralmente são menos voltadas para o consumo e mais propensas a valorizar a Criação.
- Reserve um tempo para recalibrar em torno do que realmente importa. Faça um plano para ser transformado pela renovação de sua mente, em vez de ser conformado (Romanos 12:6). Coloque em prática alguns hábitos que fortalecem o coração e o conectam a Deus.

Conclusão

O consumismo está tão profundamente enraizado em nossa cultura que se tornou parte do ar que respiramos. A jornada de uma comunidade consumista para uma comunidade de discipulado não é fácil ou óbvia, mas é de vital importância.

Como cristãos, somos chamados a dar nossa vida a uma história diferente. Em vez de nos conformarmos, devemos ser transformados (Romanos 12:1-3). Consumiremos, mas com óculos diferentes. Encontraremos nossa esperança, desejo e identidade em Jesus e, ironicamente, encontraremos nossa vida ao entregá-la – mudando de nossa própria agenda para servir à de Deus. Valorizaremos as pessoas e dedicaremos tempo para crescer, servir, compartilhar e adorar de maneiras que resistam à mercantilização. Vivemos para a glória de Deus em um mundo que, em vez disso, se concentra em si mesmo. Lembremo-nos de que a transformação vem através de seguir a Cristo e resistir ao mundo. Este é o ponto de partida de uma vida significativa que importa para o agora e para a eternidade.

Os líderes do ministério trabalham, então, para moldar comunidades contraculturais que se conectam com os consumidores e os desenvolvem para que encontrem identidade e localizem esperança e desejo dentro da riqueza relacional de Deus.

O que você está buscando? Conformidade ou transformação?

Oração:

Querido Pai Celestial,

Chegamos diante de Ti, buscando colocar nossos corações e mentes em Tua vontade. Ajuda-nos a colocar nossa esperança e desejos não nas promessas fugazes do consumismo, mas no propósito eterno que Tu tens para nossas vidas. Fortalece-nos ao compartilharmos Tua mensagem em um mundo moldado por valores seculares e materialismo. Quando nos encontrarmos presos nos caminhos deste mundo, que possamos confiar em Ti para orientação e na comunidade de crentes para apoio. Aproxima-nos de Ti e guia-nos a uma vida de transformação que reflita o Teu amor e graça.

Em nome de Jesus, amém.

Perguntas para discussão:

1. Que medidas práticas você pode tomar para resistir ao consumismo e se concentrar nos valores eternos?
2. Como a observância do sábado pode ajudá-lo a se desconectar da cultura consumista e a se reconectar com Deus e com outras pessoas?
3. Como ser um “sacrifício vivo” pode moldar seu papel na construção de uma comunidade contracultural e centrada em Cristo?

Um conto de cidades

“Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, preparada como uma noiva enfeitada para o seu noivo. Então ouvi uma voz forte que vinha do trono e dizia:— Eis o tabernáculo de Deus com os seres humanos. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles e será o Deus deles.”

Apocalipse 21:2, 3

É uma surpresa para todos nós: a Bíblia é na verdade um livro urbano! É difícil para nós apreciarmos que o mundo de Moisés, Davi, Daniel e Jesus era um mundo urbano. Mas era — o mundo deles era provavelmente mais urbano do que qualquer civilização antes ou depois dele pelos próximos mil e quinhentos anos.

O mundo em que a Bíblia foi escrita era dominado por cidades. Em 2000 a.C., a cidade de Ur de Abraão contava com 250.000 habitantes. De acordo com Jonas 3:3, a antiga Nínive era tão grande que levava três dias para atravessá-la a pé.

Na época de Nabucodonosor, a Babilônia era uma cidade incrível com aproximadamente 17 quilômetros de muralhas e um sistema de água e irrigação (talvez até incluindo vasos sanitários) que não foi igualado novamente até o final do século 19.

Nos tempos do Novo Testamento, Éfeso tinha iluminação pública ao longo de sua famosa Rua Arcádio, sobre a qual Amiano escreveu: “O brilho das lâmpadas à noite muitas vezes se igualava à luz do dia”.

Antioquia tinha aproximadamente 25 quilômetros de ruas com colonatas.

A Roma dos dias do apóstolo Paulo contava com mais de um milhão de pessoas — a primeira cidade na história da humanidade a ultrapassar esse número. Suas ruas eram tão lotadas que o tráfego de rodas teve que ser proibido em seu centro durante o dia. Os ricos viviam em grandes mansões particulares, e a classe média em prédios de apartamentos sofisticados. Mas os pobres — a grande massa dos residentes de Roma — viviam em 46.000 cortiços, muitos de oito a dez andares. Os primeiros prédios de apartamentos de vários andares não foram construídos em Chicago, mas na Roma antiga, há quase dois mil anos!

Podemos começar a entender a imensidão da cidade quando consideramos a lista de obras públicas de Lanciana entre 312 e 315 d.C.:

[...] 1.790 palácios, 926 casas de banho, 8 refeitórios, 30 parques e jardins, 700 piscinas públicas e 500 fontes alimentadas por 130 reservatórios, 254 padarias, 290 armazéns, 37 portões, 36 arcos de mármore, 2 circos, 2 anfiteatros, 3 teatros, 28 bibliotecas, 4 escolas de gladiadores, 5 espetáculos náuticos para lutas navais, 6 obeliscos, 8 pontes, 19 ‘canais de água’, 3.785 estátuas de bronze e 10.000 figuras esculpidas.”

O povo bíblico de Deus era, ele próprio, um povo urbano.

- Davi foi rei de Jerusalém.
- Isaías e Jeremias foram profetas comprometidos com Jerusalém.
- Daniel foi nomeado prefeito da cidade de Babilônia.
- Neemias foi planejador urbano, organizador comunitário e governador de Jerusalém.
- Paulo foi o principal evangelista do cristianismo nas principais cidades do Império Romano.
- João teve uma visão das intenções finais de Deus para a humanidade como

uma cidade indescritível.

- O ato redentor de crucificação de Jesus só poderia acontecer em uma cidade onde o poder político de Roma e a influência religiosa do sacerdócio judaico agissem em conjunto para matar o Filho de Deus.
- A maioria das cartas de Paulo foi escrita para igrejas da cidade como guias de como a igreja pode efetivamente exercer o ministério em uma cidade.

Se a Bíblia é um livro tão urbano, por que não a vemos dessa maneira? É simplesmente porque abordamos a Bíblia de uma perspectiva teológica essencialmente rural. Quando lemos a Bíblia, pensamos em “interior/aldeia” em vez de “cidade”. Vemos o que lemos através de “óculos rurais”.

Foi somente no século 12 que as cidades europeias começaram a crescer significativamente. Mesmo assim, elas eram pequenas em comparação com as cidades bíblicas — Paris, França, com 100.000 habitantes; Florença, Itália, com 45.000; Veneza, Itália, a 90.000. Após o declínio de Roma, levaria quase mil e trezentos anos para a Europa produzir sua próxima cidade com um milhão de habitantes. Essa seria Londres, em 1820.

A Bíblia foi escrita em um Oriente Médio urbano, mas as principais formulações teológicas da fé da igreja se desenvolveram na Europa rural. Considere os teólogos formativos das igrejas primitivas, medievais e da Reforma: São Paulo, João Damasceno, Agostinho, Anselmo, Tomás de Aquino, Lutero e Calvino.

COMO AS ESCRITURAS VEEM MINHA CIDADE?

A cidade é o cenário de uma grande e contínua batalha entre o Deus de Israel e da igreja e o deus do mundo.

Babilônia versus Jerusalém

Babilônia é usada em toda a Escritura como um símbolo de uma cidade inteiramente entregue a Satanás.

A cidade é introduzida pela primeira vez em Gênesis 11, quando a humanidade decide construir a Torre de Babel (a planície de Sinar, mencionada no texto como a cidade do zigurate, foi mais tarde o local da Babilônia). Deus confundiu suas línguas porque o povo declarou: “Venham, vamos construir uma cidade e uma torre cujo topo chegue até os céus e tornemos célebre o nosso nome [...]” (Gênesis 11:4).

A Babilônia é pintada nas Escrituras como um sistema social burocrático, egoísta e desumanizador, com economia voltada para beneficiar seus privilegiados e explorar seus pobres, com políticas de opressão e com uma religião que ignora a

aliança com Deus e diviniza o poder e a riqueza (Is 14:5-21; Jr 50:2-17; 51:6-10; Dn 3:1-7; Ap 17:1-6; 18:2-19, 24). Muito do que é sombrio e maligno na Babilônia é replicado nas cidades (até mesmo em Jerusalém) ao longo da história bíblica.

Jerusalém, em contraste, é vista em sua forma idealizada como a cidade de Deus. Ela também é introduzida em Gênesis 14:17-24 na figura de Melquisedeque, rei de Salém (Salém é um antigo nome de Jerusalém).

Jerusalém é celebrada como cidade como deveria ser — uma cidade pertencente a Deus. Como sistema social, é chamada a testemunhar o shalom de Deus: “Orem pela paz de Jerusalém [...]” (Salmo 122:6-9), “O Senhor edifica Jerusalém e congrega os dispersos de Israel” (Salmo 147:2). Como entidade econômica, destina-se a praticar uma administração equitativa e uma existência comunal e justa em sua política.

Finalmente, Jerusalém é retratada como o centro espiritual do mundo, uma cidade modelo que vive em confiança e fé sob o senhorio de Deus (Is 8:18; Mq 4:1; Dt 17:14-20).

Cada cidade tem tanto Babilônia quanto Jerusalém dentro de si, pois cada cidade é o campo de batalha entre o deus de Babilônia (Baal, Satanás) e o Deus de Jerusalém (Yahweh, o Senhor) pelo domínio e controle.

Babilônia em Jerusalém

A etimologia da palavra Jerusalém. Estudiosos bíblicos como Millar Burrows apontaram que o nome realmente significa “fundação de Salém”.

No próprio nome Jerusalém é expressa a tensão de cada cidade. É Je-rusalém — a cidade de Yahweh, de Deus. É Jeru-Salém — a cidade de Baal (ou Satanás). Jerusalém é a cidade de Yahweh. Jerusalém é a cidade de Baal. É uma cidade que contém o poder e a influência de ambas as forças dentro de suas muralhas. O próprio nome da principal (e idealizada) cidade de Israel expressa a mensagem urbana fundamental da Bíblia. Jerusalém — e toda cidade — é o campo de batalha entre Deus e Satanás pelo domínio de seu povo e suas estruturas.

Jerusalém, a noiva

Ezequiel 16:1-14

O vislumbre mais comovente do profundo amor de Deus pela cidade. Ezequiel está nos dizendo que Deus Se apaixonou por Jerusalém!

Isaías 60:1, 2, 14-21

“Levante-se, resplandeça, porque já vem a sua luz, e a glória do Senhor está raiando sobre você. Porque eis que as trevas cobrem a terra, e a escuridão envolve os povos; mas sobre você aparece resplandecente o Senhor, e a sua glória já está brilhando sobre você” (Isaías 60:1, 2).

“Também virão e se inclinarão os filhos dos que a oprimiram; todos os que a desprezaram se prostrarão até as plantas dos seus pés e a chamarão ‘Cidade do Senhor’, a ‘Sião do Santo de Israel’. Você era uma cidade abandonada e odiada, um lugar onde não passava ninguém, mas eu farei de você uma glória eterna, uma alegria de geração em geração” (Isaías 60:14, 15).

Deus criou, amou, preservou e redimiu a cidade para que ela pudesse ser transformada na cidade que Deus deseja que ela seja. Como essa comunidade transformada, a cidade se torna um farol para o mundo, a manifestação da obra de Deus para a nação e o mundo.

Jonas 3:2 “Levante-se, vá à grande cidade de Nínive e pregue contra ela a mensagem que eu lhe darei.”

“E o Senhor disse: — Você tem compaixão da planta que não lhe custou nenhum trabalho. Você não a fez crescer. Numa noite ela nasceu e na noite seguinte desapareceu. E você não acha que eu deveria ter muito mais compaixão da grande cidade de Nínive, em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem distinguir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?” (Jonas 4:10, 11).

Será que Deus está tão preocupado com uma cidade ímpia e pagã quanto com Sua cidade, Jerusalém?

As cidades importavam para Deus..., mas será que elas são importantes para você?

Mal: individual ou coletivo?

O protestantismo evangélico tende a centralizar sua teologia na obra de salvação de Deus. Particularmente em suas formas mais populares e não reflexivas, o evangelho tem sido historicamente proclamado em termos de salvação individual — o chamado do pecador a Cristo.

O perigo de tal abordagem é que aqueles que enfatizam exclusivamente as dimensões individuais da salvação não conseguem entender toda a extensão do mal nem apreciar a plena obra salvífica de Cristo.

Quando olhamos, vemos que as Escrituras apresentam a salvação como individual e coletiva. Os escritores bíblicos entendiam o mal dessa forma. Observe o amplo uso de imagens coletivas para descrever a condição salvação — o povo da aliança, a nação de Israel, o povo de Deus, o remanescente, o Reino de Deus, a igreja, a Nova Jerusalém.

Os sistemas de uma cidade

É amplamente sugerido que os sistemas que ordenam a vida de uma cidade são econômicos, políticos e religiosos.

Em seu discurso final, Moisés lembrou a Israel que ele havia sonhado um grande sonho sobre uma nova nação, um reino que vivia sob o comando de Deus. Essa nova sociedade havia sido cuidadosamente construída e praticada no deserto. Mas agora, Moisés disse ao povo em Deuteronômio 6, vocês devem ir para uma nova terra para possuí-la. Será uma terra de pagãos que não aceitarão nem mesmo apreciarão seu modo de vida; em vez disso, eles se oporão a ele. A nova terra estará repleta de cidades de grande riqueza, das quais vocês se apropriarão; essa riqueza pode corroer seu modo de vida. Essa nova terra lhe trará muita prosperidade, de modo que você pensará que se tornou forte, em vez de perceber tudo como um presente de Deus; esse poder minará sua dependência de Deus. Isso é o que você enfrentará na nova terra — pessoas que se oporão, riqueza que será corroída, poder que minará seu modo de vida.

Uma religião de relacionamento

De acordo com a Bíblia, Moisés, em Deuteronômio 6:4-6, proclama: “Ouçã, ó Israel: O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor. Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração” (NVI). O fundamento para a edificação de uma nação ou de uma cidade, diz-nos o autor do Deuteronômio, é um relacionamento com Deus.

Uma política de justiça

“Estas palavras que hoje lhe ordeno estarão no seu coração. Você as inculcará a seus filhos, e delas falará quando estiver sentado em sua casa, andando pelo caminho, ao deitar-se e ao levantar-se. Também deve amarrá-las como sinal na sua mão, e elas lhe serão por frontal entre os olhos. E você as escreverá nos umbrais de sua casa e nas suas portas” (Dt 6:6-9).

Quando lemos os mandamentos e regulamentos que seguem o discurso de Moisés em Deuteronômio, ficamos surpresos ao descobrir que eles tratam principalmente de questões de justiça. Eles lidam com questões como a redistribuição da riqueza para os pobres, proteção da viúva, libertação dos escravos, limitações ao poder dos governantes, justiça na guerra, salvaguarda do bem-estar das esposas e mulheres solteiras em julgamentos e casos de homicídio, e proteção do divorciado, do órfão, do estrangeiro, do doente, do visitante e do debilitado. Para cumprir o reino de Deus com sucesso em uma cidade pagã, de acordo com Moisés, Israel deveria desenvolver e manter uma política de justiça.

Uma economia da Mordomia

“ — Quando, pois, o Senhor, seu Deus, tiver levado vocês para a terra que, sob juramento, prometeu aos seus pais Abraão, Isaque e Jacó, que daria a vocês — uma terra com grandes e boas cidades, que vocês não construíram; 11 casas cheias de tudo o que é bom, que vocês não encheram; com poços abertos, que vocês não cavaram; com vinhas e oliveiras, que vocês não plantaram — e quando vocês comerem e se fartarem, 12 tenham o cuidado de não esquecer o Senhor, que os tirou da terra do Egito, da casa da servidão” (Dt 6:10-12).

Oração:

Pai Celestial,

O Senhor é o Deus das cidades e das nações, Senhor de toda a Criação. Ao refletirmos em Sua Palavra, abra nossos corações para ver o potencial de transformação nos lugares em que vivemos. Ajude-nos a ser instrumentos de Sua justiça, mordomos de Seus recursos e luzes na escuridão. Que possamos incorporar o Seu amor, trazendo vislumbres da Nova Jerusalém para nossas comunidades. Guie-nos para construir cidades onde o Seu nome seja honrado e a Sua paz reine. Pedimos isso em nome de Jesus, amém.

Perguntas para discussão:

1. Como você vê elementos tanto da Babilônia quanto de Jerusalém na cidade em que vive hoje?
2. De que maneira os cristãos podem se envolver com as cidades para refletir o shalom e a justiça de Deus?
3. Como o conceito de salvação individual e coletiva desafia sua compreensão de fé e comunidade?
4. Que medidas práticas você pode tomar para contribuir para uma política de justiça ou uma economia de mordomia em seu contexto local?

Referências

Meir Ben-Dov, Atlas Histórico de Jerusalém, Continuum International Publishing Group, 2002.

Binz, Stephen J. (2005). Jerusalem, the Holy City. Connecticut: Twenty-Third Publications.

Wallace, Edwin Sherman (agosto de 1977). Jerusalem the Holy. Nova York: Arno Press.

Smith, George Adam (1907). Jerusalem: The Topography, Economics and History from the Earliest Times to A.D. 70. Hodder e Stoughton.

Ginzberg, Louis (1909). The Legends of the Jews Volume I: The Akedah (traduzido por Henrietta Szold) Filadélfia: Jewish Publication Society.

Jacques Ellul, Meaning of the City

Robert Linthicum, City of God

Millar Burrows, Jesus in the first three Gospels 1977

Ginzberg, Louis The Legends of the Jews Volume I: The Akedah

